



Biblioteca da Assembleia da República

DOSSIER DE IMPRENSA

- 1 - Público, 04-06-2009, Facebook de Dias Loureiro
- 2 - Público, 04-06-2009, Abram malas para o Noddy - o que os eurodeputados vão levar para Bruxelas
- 3 - Primeiro de Janeiro (O), 04-06-2009, Cavaco nega acusações
- 4 - Destak, 04-06-2009, Cavaco nega ter ganho dinheiro como BPN
- 5 - Visão, 04-06-2009, A zanga de uma elite
- 6 - Crime (O), 04-06-2009, Declarações a pedido
- 7 - Record, 04-06-2009, «Eu dava uma segunda oportunidade a Quique» - entrevista a Teresa Caeiro
- 8 - Sábado, 04-06-2009, Nuno Melo e o Banco de Portugal
- 9 - Sábado, 04-06-2009, Relatório minoritário
- 10 - Visão, 04-06-2009, Campanha negra
- 11 - Sábado, 04-06-2009, Campeonato de notoriedade na TV
- 12 - Sábado, 04-06-2009, As europeias explicadas às criancinhas
- 13 - Sábado, 04-06-2009, A maluquise do riso
- 14 - Visão, 04-06-2009, Duas roubalheiras e uma bandeira
- 15 - Sábado, 04-06-2009, Sobe & Desce
- 16 - Visão, 04-06-2009, Europeias, contagem decrescente
- 17 - Sábado, 04-06-2009, Mundos e fundos
- 18 - Visão, 04-06-2009, Mais & menos
- 19 - Diário Económico, 04-06-2009, "Recuperação económica vai ser lenta e difícil" - Entrevista a Horta Osório
- 20 - 24 Horas, 04-06-2009, Os pequenos luxos dos candidatos
- 21 - Correio da Manhã, 04-06-2009, Cavaco nega ter escondido acções da SLN
- 22 - 24 Horas, 04-06-2009, Cavaco perdeu muito dinheiro



facebook Página inicial Perfil Amigos Caixa de entrada



Em que estás a pensar?

Text input field for status update.

Partilhar

Dias Loureiro alterou o perfil e já não é membro do Conselho de Estado

Nuno Melo e mais 5789 pessoas gostam disto

- Comments: Cavaco Vai pela sombra, amigo. João Lobo Antunes Manel, quero que saibas que és o meu Conselheiro de Estado favorito. Dias Loureiro Nunca vos esquecerei, malta. Anacoreta, estás aqui ----> (coração) Cavaco Diz-se ROTFLOL, não é, Liberato?

Dias Loureiro postou uma nota em Diário da República através da aplicação "renúncias a cargos no Facebook"

Dias Loureiro desactivou opção "exibir número de pessoas que gostaram"

Dias Loureiro devolveu piscadela a José Briosa e Gala, através da aplicação "buddypokes a antigos secretários de Estado do Governo de Durão Barroso".

Abdul Rahman El-Assir just pick a puppy and name it "Dias Loureiro".

Guilherme d'Oliveira Martins, Augusto Mateus, José Lamego e mais 24 socialistas que têm cargos no Banco Efisa do grupo BPN deixaram de ser fãs de Vital Moreira

Dias Loureiro, Maria de Belém e mais 5765 militantes do PSD gostam disto

Lúis Caprichoso e Joaquim Coimbra vão participar no evento "Inquirição do Ministério Público"

Dias Loureiro e outras 456 pessoas gostaram disto

- Comments: Oliveira e Costa Alminha penada, não recebeste nenhum convite do MP? Dias Loureiro O sistema ainda assume o meu perfil como Conselheiro de Estado. Como tal, a aplicação que permite receber convites do Ministério Público continua desactivada.



Pinto Monteiro Manel, já recebi a tua carta. Agradeço a tua disponibilidade em seres ouvido no caso BPN. Continuo a achar que não se justifica uma audição. Relaxa, amigo. Não liguês às hienas.

Dias Loureiro gosta disto

Dias Loureiro apagou 1789 comentários de jornalistas



Abdool Vakil inseriu tag "Dias Loureiro" em foto

Esta foto foi tirada perto do escritório de uma offshore do universo BPN/SLN, em Gibraltar. Porque é que você usou o Photoshop para meter lá uma placa do Badoka Park? Macacos à solta desta maneira só em Gibraltar. Toda a gente sabe disso.

Nuno Melo Eu recebi aqui umas papeladas e tenho falado com umas pessoas. O panamá que você aqui usa no gozo é do seu amigo El-Assir. A caneta que você está a usar a fingir que é um cigarro foi utilizada para assinar um contrato ruinoso para o BPN e que rendeu ao seu amigo 40 milhões.

Dias Loureiro is looking for Hand Tape, Speed Bag, Boxing Ring, Headgear in Vital Moreira/Rangel Wars



Porque é que durante a sua gestão, o juro praticado pelo BPN do Facebook para os depósitos virtuais era o dobro do juro da CGD no Facebook? E porque é que o BPN recusava crédito a mães solteiras que acabaram por perder 3 e 4 vidas em jogos do Facebook porque tiveram que ir a uma clínica de vão de escada do Facebook para fazerem um aborto?

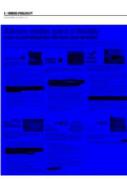
Dias Loureiro respondeu a Louçã com clip do YouTube "Integral Ben-Hur" usando a aplicação "respostas quebra-gelos do Facebook"

Dias Loureiro completou o questionário criado por si próprio "Dias Loureiro é corrupto?" e o resultado foi "Nem pensar! Dias Loureiro está completamente inocente"

Dias Loureiro gosta disto

Dias Loureiro apagou 143 comentários

Facebook de Dias Loureiro roubado pelo "hacker" João "Nerd" Henrique



Abram malas para o Noddy

o que os eurodeputados vão levar para Bruxelas

Com as eleições europeias a realizarem-se este fim-de-semana, os candidatos dos principais partidos já fizeram as malas para rumar a Bruxelas. O IP juntou-se à revista "Sábado" e, em mais uma típica reportagem irrelevante com um trocadilho gratuito e forçado no título, mostra o conteúdo das malas. Vitor Elias

NUNO MELO



A mala vintage de Nuno Melo, oferecida ao seu bisavô por D. Manuel II, contém:

- Uma marmita com aristocráticas sandes de pepino, para comer na viagem;
- Todos os documentos da comissão de inquérito parlamentar ao caso BPN, para que esta não consiga funcionar sem ele;
- As chaves de todos os seus automóveis de colecção, para que o Diogo Feio não os use na sua ausência;
- Cinco camisas brancas Ralph Lauren sem botões até ao umbigo (porque não são necessários);
- Uma garrafa de álcool para desinfectar a cadeira do Parlamento Europeu onde esteve sentado Ribeiro e Castro;
- Um livro do V.S. Naipaul que vai enviar ao Narana Coissoró, com a dedicatória "Adorei o teu romance", só para o irritar;
- Os electrodos que pensou em usar nos testículos de Dias Loureiro para o obrigar a confessar tudo o que sabe sobre o BPN;
- Um canivete Vitorinox com mini-pente para as patilhas.

MIGUEL PORTAS



A mala de Miguel Portas, cheia de autocolantes de lugares exóticos como Beirute, Cairo, Gaza e Tripoli, contém:

- Uma fotografia de Francisco Louçã, autografada pelo líder do BE, com a dedicatória "Vamos sempre ter Porto Alegre";
- 2000 mil mortalhas agrafadas (para que os seguranças do aeroporto pensem que é uma das famosas edições em miniatura d'"A Bíblia");
- Uma "rocha negra vulcânica" que supostamente trouxe de uma viagem a Lanzarote;
- O book de dezenas de modelos, para decidir, juntamente com o Luís Fazenda, quem é que o BE vai recrutar para substituir Joana Amaral Dias;
- Duas latas de sardinhas Tricana e uma embalagem de pasta dentífrica Couto oferecidas pela irmã;
- Uma carta do irmão a pedir-lhe para estar atento ao Nuno Melo e não deixar "que o Nuninho se meta em sarilhos";
- Um exemplar d'"O Capital" de Karl Marx;
- Uma lata de caviar Beluga.

PAULO RANGEL



A mala de Paulo Rangel, comprada à pressa numa loja de chineses porque nunca pensou que seria cabeça-de-lista do PSD às europeias, contém:

- O famoso cão do candidato, do qual Paulo Rangel afirmou que trocava a vida pela de qualquer ser humano, sendo que agora apenas a trocará pela vida de cidadãos europeus;
- Uma fotografia do gangster dos anos 30 Bugsy Siegel, o seu ícone da moda;
- O pequeno megafone dos "Masters of the Universe" que se vendia nos anos 80 e reproduzia o timbre tétrico do Skeletor, para ter uma voz que lhe permita ser respeitado quando falar no Parlamento Europeu;
- Uma focinheira de porco fumada, para provar em Bruxelas que não se alimenta com papas infantis;
- O colar com um relicário onde guarda um perdigoto do James Hetfield que lhe caiu nos olhos durante um concerto dos Metallica;
- Um morcego embalsamado para lhe arrancar a cabeça à dentada enquanto ouve os álbuns dos Black Sabbath.

ILDA FIGUEIREDO



A antiga mala de Zita Seabra, que esta teve de devolver ao PCP quando foi expulsa, e que o partido ofereceu depois a Ilda Figueiredo, contém:

- As coordenadas do Palácio de Belém, do Palácio de São Bento e da sede do Ministério da Defesa, para entregar, numa esquina escura de Bruxelas, a um adido da embaixada da Rússia na Bélgica;
- Um frasquinho de formol e uma pequena embalagem de óleo de cânhamo, recordações do embalsamamento secreto de Álvaro Cunhal;
- Dezenas de peças da LEGO que usa para construir um Muro de Berlim de plástico quando quer relaxar;
- Um mapa-múndi que ainda mostra a União Soviética, a RDA e a Checoslováquia;
- Um sapato tosco para bater na bancada do Parlamento Europeu em sinal de protesto;
- Um cabelo branco, vestígio do proprietário da mala anterior a Zita Seabra, o camarada Vital Moreira.

VITAL MOREIRA



A mala de Vital Moreira, feita com teclas usadas de todos os computadores que estoirou a escrever milhares de posts laudatórios de José Sócrates no "Causa Nossa", contém:

- 30 embalagens de laca;
- 10 fotografias de José Sócrates;
- 50 fotografias do próprio Vital Moreira;
- Uma edição velha, profusamente anotada à mão, d'"O Livro Negro do Capitalismo";
- Uma edição, como nova, d'"O Livro Negro do Comunismo";
- Matracas oferecidas pelo Vítor Ramalho após a manifestação do 1º de Maio;
- Um pedido de autorização para escrever a sua biografia da jornalista Fátima Campos Ferreira;
- O recorte de um artigo de jornal que explica o que é o QREN;
- A Ana Gomes.

ELISA FERREIRA



A mala da candidata socialista, emprestada por um dia pelo marido, contém:

- Uma esferográfica Parker, para chegar a Bruxelas, assinar o livro de presenças e voltar para o Porto.



ID: 25388555

04-06-2009

Presidente da República e as acções da SLN

Cavaco nega acusações

O Presidente da República negou ontem ter escondido alguma coisa sobre as suas poupanças, inclusive sobre as acções da SLN.

Cavaco Silva negou que tenha tido na sua carteira acções da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), esclarecendo que o investimento nesses títulos foi feito por "um banco" a quem entregou as suas poupanças.

"Recentemente foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte - há muitos anos, muitos anos antes de ser Presidente da República - acções da SLN. Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer", afirmou Cavaco Silva.



Cavaco Silva. Chefe de Estado garante nunca ter escondido nada acerca das aplicações na SLN

O Chefe de Estado remeteu ainda para um comunicado emitido em Novembro do ano passado em que esclarecia que as suas poupanças e da sua mulher foram entregues a quatro instituições financeiras que, por seu turno, fizeram aplicações em acções de diversas entidades, incluindo da Sociedade Lusa de Negócios.

"Eu e a minha mulher, antes de eu estar nesta posição, quando éramos apenas professores, não tínhamos as nossas poupanças debaixo do colchão. Nem tão pouco no estrangeiro. Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN para gerirem as nossas poupanças (...) Em Novembro do ano passado emiti um comunicado dizendo onde podiam ser verificadas todas as aplicações feitas pelos bancos gestores em acções do BCP, BPI, EDP, Jerónimo Martins, Brisa SONAE e também a aplicação que um banco fez em acções da SLN", conclui Cavaco Silva.

BPN

Aguiar Branco desafia Sócrates

O vice-presidente do PSD desafiou José Sócrates a dizer se "está lado de Vital Moreira" ou de Maria de Belém quanto à actuação do PSD na comissão de inquérito sobre o BPN. "O que é importante é que o primeiro-ministro venha dizer se alinha ao lado de Vital Moreira nesta baixa política ou se alinha ao lado da Maria de Belém, que já elogiou a prestação do trabalho dos deputados do PSD naquela comissão", afirmou. Reagindo a declarações de Vital Moreira, Aguiar Branco referiu que o candidato "tem memória curta" e que ele e "alguns do PS" pretendem "reescrever a história à maneira deles, esquecendo aquilo que foi o trabalho dos deputados nesta comissão de inquérito".

Mega-fundo para clientes do BPP

Estado deve gerir



O porta-voz dos clientes do BPP disse que estes apoiam a solução defendida pelo presidente do BPI, Fernando Ulrich, que apontou para a necessidade de ser o Estado a gerir o «mega-fundo». O presidente executivo do BPI defendeu que o Estado deve comprar os títulos dos clientes do BPP considerados de retorno absoluto. "Nós vamos morrer, mas o Es-

tado está cá para sempre. Há clientes do BPP com 80 anos que sabem que o tempo escasseia e querem deixar tudo resolvido o quanto antes", sublinhou Durval Padrão.

"Temos indicação que o Governo tentou na segunda-feira junto dos banqueiros encontrar uma solução, mas que os bancos privados só estarão disponíveis para fa-

zer a gestão dos nossos títulos se houver um aval estatal a um eventual diferencial de preços na maturidade das aplicações", acrescentou Ruy Ribeiro, um dos clientes mais activos junto da sede do BPP em Lisboa, onde os clientes estão ainda em protesto, que Durval Padrão, assegura, "vai durar o tempo que for necessário".

Dias Loureiro vai ser ouvido este mês

A Procuradora-geral adjunta Cândida Almeida confirmou ter recebido o despacho do Procurador-geral da República para ouvir Dias Loureiro no âmbito do processo BPN, o que deverá acontecer ainda este mês.

"Vamos ouvi-lo o mais rapidamente possível", afirmou Cândida Almeida. Segundo a directora do Departamento de Investigação e Acção Penal (DCIAP), a audição de Dias Loureiro, que foi administrador do grupo SLN/BPN, deverá acontecer ainda este mês. A procuradora adiantou que recebeu o despacho anteontem e que a audição "tem de se coadunar com a estratégia que estava delineada com marcação de datas".

Questionada sobre se Dias Loureiro irá ser ouvido ao abrigo de direitos de personalidade dos cidadãos, Cândida Almeida afirmou que sim: "Podemos ouvi-lo sem prejuízo da investigação, mas também atendendo aos seus direitos de personalidade".

Comissão do Mercado de Valores Mobiliários

Não estamos dispostos a gerir mega-fundo

A Comissão do Mercado de Valores Mobiliários afirmou que nunca sugeriu aos clientes do BPP a possibilidade de assegurar a gestão de um eventual «mega fundo». "A CMVM não confirma que tenha dito que está disposta a gerir um «mega fundo», até porque não tem competência legal para o fazer", avançou fonte oficial. "O que a CMVM disse é que está disposta a fomentar e apoiar uma solução que passe pela protecção dos direitos dos clientes", esclareceu. Durval Padrão afirmou que o regulador teria comunicado aos clientes a disponibilidade para criar um grupo de forma a gerir o «mega-fundo», algo que é agora negado.



CMVM



"ESTOU PERFEITAMENTE
SEGURO QUE O POSSO DIZER"

Cavaco nega ter escondido acções da SLN

PÁGINA 9



POLÉMICA

Cavaco nega ter ganho dinheiro com o BPN

«Recentemente foi noticiado que tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher, faziam parte acções da Sociedade Lusa de Negócios. Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer.»

A garantia foi dada ontem pelo Presidente da República depois de ter sido noticiado pelo Expresso que Cavaco chegara a ter mais de 105 mil acções na SLN e que ganhara quase 357 mil euros com a sua venda.

Cavaco Silva acrescentou que, antes de ocupar o cargo que tem, entregou as suas



LUÍS ANICETO

Presidente da República garante que já perdeu «muito, muito dinheiro» das suas poupanças.

poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN. O objectivo do Presidente e da sua mulher era que estes gerissem bem as suas poupanças e que conseguissem

rendimento. «Infelizmente» isso não aconteceu e Cavaco garante estar «a perder muito, muito dinheiro». «Boa parte das poupanças estão desaparecidas.» ●



PORTUGAL
CASO BPN

A zanga de uma elite

A política tornou-os conhecidos e franqueou-lhes as portas do mundo dos negócios. A ascensão social veio por acréscimo. E, agora, chegou a factura: as suspeitas de que esta vida escalada «a pulso» podia ter, afinal, alguns atalhos pouco recomendáveis

POR PAULO PENA E CESALTINA PINTO TEXTO
E HÉLDER OLIVEIRA/WHO ILUSTRAÇÃO

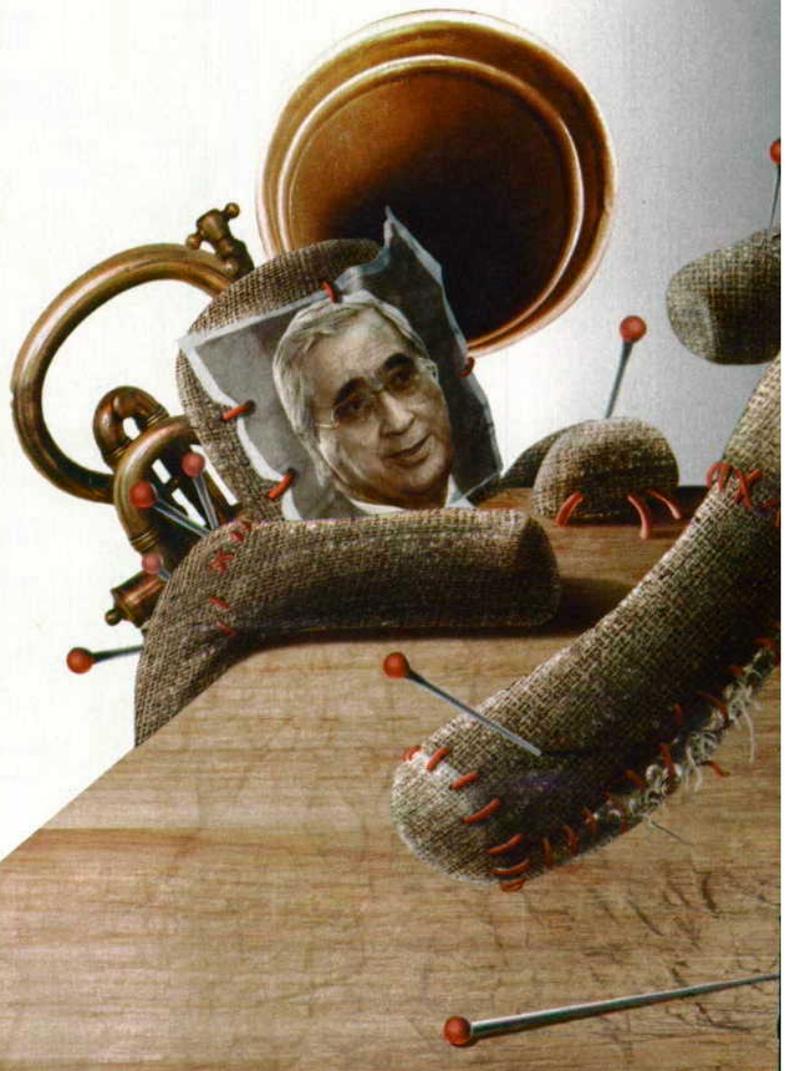
A história confunde-se com o mito, e muitas vezes com a pura hagiografia. Reza assim: Oliveira Costa, pobre moço de 15 anos de Esgueira, Aveiro, pedalando todos os dias 50 quilómetros de bicicleta, entre a escola comercial, onde estudava, e o escritório Bóia & Irmão, onde vestia as mangas de alpaca para ajudar a família a pagar-lhe os estudos. Ou assim: Dias Loureiro, de samarra coçada, sentado numa camioneta da Rodoviária a caminho de Coimbra, fazendo pontaria a todas as defesas oficiosas que lhe permitissem pagar a renda ao fim do mês.

Nenhum dos banqueiros do BPN nasceu em berço de ouro. Nem Joaquim Coimbra, que ajudou a varrer Oliveira Costa, nem Miguel Cadilhe, o último homem-forte, antes da nacionalização. Por isso, o banco e a sociedade que o geria (a Sociedade Lusa de Negócios) acabam por replicar o sonho português da mobilidade social. Do nada, até às nuvens. Dos jogos de bola de trapos numa infância perdida entre a pobreza e a distância dos centros de poder (como Aguiar da Beira, Esgueira, Barcelos, Vilar de Besteiros), até aos salões da capital.

Todos eles chegaram, viram e venceram. Eram apontados como histórias de auto-realização, distinção pelo mérito. E todos conquistaram lugares de topo, no partido que mais valoriza o empreendedorismo, o «mais português dos partidos portugueses», como o PSD gosta de se qualificar a si próprio. O cavaquismo, o período politicamente mais estável e economicamente mais próspero da História recente, foi o seu passaporte para a vida pública. A notoriedade, e as oportunidades abertas pelas privatizações e pelos fundos europeus, levaram-nos para uma carreira no privado. A certa altura, juntam-se, no mesmo banco.

Mas... Amigos, amigos, negócios à parte.

Hoje, falar do BPN e dos homens que o chefiaram, já não é (como era) um hino à vida que se conquista a pulso. Pelo contrário. A amizade terminou, em público. Com ▶







PORTUGAL CASO BPN

► estrondo e holofotes. A última cena passou em directo na TV, e correu todos os cantos do País: na passada terça-feira, 26 de Maio, Oliveira Costa acusou, na Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso BPN, o seu amigo Manuel Dias Loureiro de ter mentido. Nos últimos dias, o tom desta história pede o sarcasmo de Gogol: diligentes funcionários a quem a vida abre janelas de guilhotina por onde forçam a entrada para salões reluzentes, bailes opulentos – a ascensão social à custa da alma. Ou de Camilo: novos-ricos que procuram na política a

4 O cavaquismo não tem nada a ver com o que se passou no BPN'

António Capucho, autarca de Cascais, PSD

distinção, o Hábito de Cristo, a comenda que lhes permite enriquecer ainda mais, com respeitabilidade.

José Miguel Júdice, num artigo no *Público*, olhando para o caso «de um ponto de vista sociológico», conclui que, «com a desgraça de Dias Loureiro, acabou simbolicamente uma época, o tempo do cavaquismo».

Esta será, pois, uma história de pessoas que «chegaram ao exercício do poder sem grandes recursos que não fosse o sentido de oportunidade, a inteligência prática, a determinação dos *parvenus*, a dedicação dos ambiciosos, a resistência à fadiga, o facto de pouco ou nada terem a perder», prossegue aquele histórico do PSD, que saiu do partido já bem depois do fim do «cavaquismo». Olhados de soslaio pelo «eixo Lisboa-Cascais», nas palavras do politólogo António Costa Pinto, estes novos dirigentes vieram para ficar.

A ASCENSÃO

Júdice fala do fim de um tempo, como o aristocrata Príncipe de Salina, no *Leopardo*, de Tomasi di Lampedusa. Em 1985, Lisboa ainda não tinha muitos *parvenus* ou arrivistas, na política. Dez anos depois da «normalização», os principais dirigentes partidários ou tinham berço (familiar), ou currículo (oposição à ditadura). José Oliveira Costa, nascido em Esgueira, em 1935, não tinha nem uma coisa nem outra. Aos 50 anos, chega ao Governo (o primeiro, minoritário, de Cavaco Silva), como ►



Loureiro vs Costa

Estas são as declarações prestadas por Dias Loureiro e Oliveira Costa, em momentos diferentes, à Comissão Parlamentar de Inquérito. Descubra as diferenças

Sobre o papel de El-Assir no negócio de Porto Rico

«O sr. João Semedo (BE): – (...)terá sido uma coisa do género: «Eu trato-vos da venda da Redal à Vivendi e vocês tratam-me da compra das empresas de Porto Rico.» ?

O sr. dr. Dias Loureiro: – **Em relação a mim acho isso insultuoso!**»

«[El-Assir disse numa reunião em que estava Dias Loureiro] ‘Se não se compra a Biometrics, eu deixo de negociar em Marrocos’»

Sobre a reunião no Banco de Portugal

«A verdade é aquela que eu estou a dizer, sem nenhuma dúvida. O que fui dizer ao Banco de Portugal, ao dr. António Marta, (...) acho que o Banco de Portugal deve prestar atenção a este modelo de gestão, porque quero estar ali sossegado, tranquilo»

«Julgo que os Senhores Deputados já estavam cientes da verdade. O meu contributo é modesto mas reforça o entendimento de que **a verdade está com o dr. António Marta**»

Sobre o cargo a atribuir a Dias Loureiro

«Começou [Oliveira Costa] a ver se lhe interessava ou não e, a certa altura, chegou à conclusão: ‘Isto interessa-me por vários motivos, sobretudo para o levar para lá comigo. **Eu não tenho um número dois’ e você fazia-me um jeito’»**

«Nos contactos em privado com o dr. Dias Loureiro nunca lhe foi prometido o lugar de vice-presidente do Grupo, figura intencionalmente não contemplada nos Estatutos da SLN»,

Sobre a animosidade contra Dias Loureiro no grupo

«(...) eu estava a ficar sem qualquer função e estava até a sentir, muito cedo, uma má vontade contra mim (...) da qual lhe dei notícia, várias vezes: ‘Dr. Oliveira e Costa, o senhor conhece-me há muito tempo, estou completamente subaproveitado...’»

«Paradoxalmente, em breve estava eu a receber queixas de que as reuniões começavam com ele, mas acabavam, com inusitada frequência, com o dr. Lencastre Bernardo. (...) **A antipatia era real e transversal, mas as raízes eram outras (...)**»

PORTUGAL CASO BPN

► secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, depois de ter trabalhado num escritório, aos 15 anos, de ter passado por uma metalúrgica, onde foi operário, e de ter vendido papelarias atrás de um balcão, em Cacia, para pagar a faculdade de Economia, no Porto. Inscreveu-se tarde, no curso, aos 25 anos. Cavaco conheceu-o no Banco de Portugal, onde ambos trabalhavam. Oliveira Costa era do serviço de Inspeção de Crédito e Seguros. Cavaco Silva pontificava no Gabinete de Estudos.

Foi através de Cavaco que Oliveira Costa estreitou os seus laços com o PSD, partido a que aderiu no final dos anos setenta. Em 1985, já fez campanha com o novo líder, sobretudo na região de Aveiro, onde tinha bastantes contactos junto das «forças vivas» e era um dos homens de confiança de Ângelo Correia. Mas, para chegar ao Governo, precisou de uma outra coincidência: o ministro das Finanças, que supervisionaria o seu trabalho, era um ex-colega de

⚡ Cavaco não percebe nada destes jogos. Se soubesse tinha-se suicidado'

Miguel Veiga, histórico do PSD

faculdade, dez anos mais novo, que Cavaco admirava desde a sua passagem efémera pelo Governo AD: Miguel Cadilhe. O ministro não era, propriamente, um «arrivista». Tinha sido secretário de Estado do Planeamento de Sá Carneiro. Estudara em Londres, dava aulas na Universidade. E, como se provaria pouco tempo depois, nem chegará a ser um «cavaquista» para a vida... Segundo um membro do Governo da altura, Cadilhe evidenciava alguma simpatia pelo trajecto difícil do seu secretário de Estado e pelas condições em que se licenciou, sendo trabalhador-estudante.

O sucesso de Cavaco – e a consequente entrada de Oliveira Costa na política – fica a dever-se aos dotes organizativos de um jovem desconhecido mas dinâmico e «excelente estratega»: Manuel Dias Loureiro. Este adjectivo é de um correligionário, António Capucho, mas tem o cunho de veracidade que a história pode provar. Capucho era um dos colaboradores mais empenhados da candidatura derrotada de João Salgueiro, no mítico congresso da Foz, onde Cavaco arrebatou o

partido, graças, entre outras, às «óptimas análises políticas» de Dias Loureiro.

O jovem Manuel tinha 33 anos, em 1985. Foi escolhido para secretário-geral do PSD. Cavaco só não o levou para o Governo (que ganharia nesse ano), porque «não podia prescindir dele no partido», confessaria mais tarde. Toda a gente sabe que essa foi uma desilusão para Loureiro. Mas ele tratou de compensar a falta de estatuto com trabalho. Montou o PSD profissionalizado que se conheceu até meados da década de noventa. Da letra do hino às finanças, tudo passava por ele.

OS ANOS DE OURO

Do Governo, chefiado por Cavaco Silva, Cadilhe foi o único que saiu a mal. Depois de várias notícias (sobretudo no jornal que mais fustigou o cavaquismo e os tais «parvenus», *O Independente*) sobre a compra de uma casa nas Amoreiras, e a mudança de residência com a colaboração dos meios da Guarda Fiscal, o ministro das Finanças acabaria por se afastar, sendo substituído por Miguel Beza. No dia

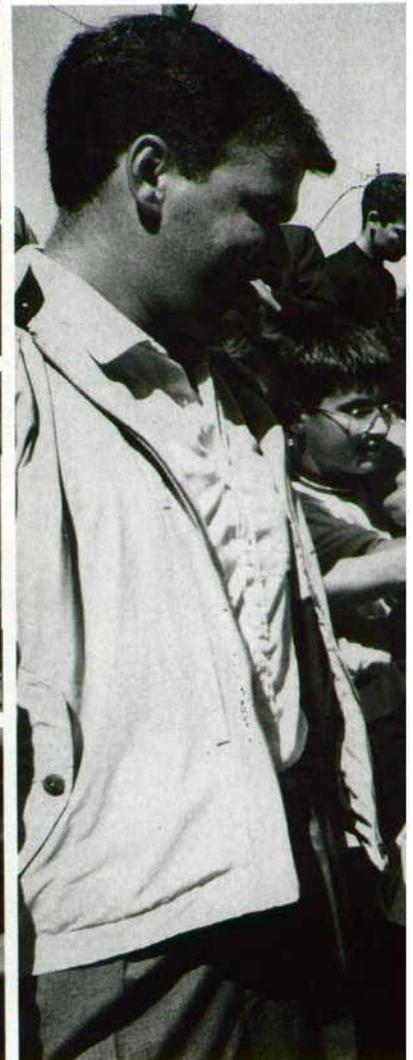
em que saiu, Miguel Cadilhe disse o que lhe ia na alma: «Não há montanha sem névoa, nem mérito sem calúnia.»

Ainda hoje pensa assim. Numa entrevista à VISÃO, em 2006, a mesma em que comparou Cavaco a um «eucalipto, que provoca aridez à sua volta», Cadilhe explica a razão por que nunca mais regressou à política: «Era um sacrifício material. E depois, sabe, isto de estar na política tem um custo elevadíssimo. Ouça, isto de estar a justificar, demonstrar e provar que tenho a minha consciência tranquila é de mais, não é? Quem gostar disso que o faça. Acho que se exige de mais na vida política.»

O secretário de Estado Oliveira Costa sobreviveu mais um ano ao ministro. Mas não sem que o seu nome andasse associado, na imprensa, a favores fiscais indevidos a empresas do seu distrito, Aveiro. Uma comissão parlamentar de inquérito acabou por absolvê-lo (apenas com os votos da maioria social-democrata). E o próprio Cavaco saiu em defesa do seu governante, em discussões acaloradas, na sede do PSD. Oliveira Costa já tinha sido vogal da



FOTOS: DR





comissão política do partido, e era o novo líder da importante distrital de Aveiro. No Governo, foi o rosto da reforma fiscal que introduziu o IVA, o IRS e o IRC. E não foi modesto a avaliar a sua prestação: «Houve mudanças espectaculares, graças à minha ousadia para enfrentar os problemas e tomar iniciativas de grande alcance, que vão ficar na História de Portugal.»

Pelo ministério onde trabalhava Oliveira Costa passaram, entre 1985 e 1991, as bases de uma nova economia: privatizações, reforma do sistema financeiro, fundos estruturais... E o homem de Esgueira, «uma pessoa com uma enorme capacidade de trabalho, muito determinado e exigente, mas também um pouco teimoso», nas palavras de Cavaco Silva, foi construindo, na sua cabeça, o cenário de um futuro auspicioso. Naqueles anos, o BCP, um banco privado que reunia muitos pequenos acionistas dispersos, liderado por Jardim Gonçalves, dera passos de gigante, até se tornar no maior banco comercial do País. O BPN seria construído à sua imagem e semelhança.

1	
2	4
3	

1 Cavaco e Cadilhe, ao centro, com Fernando Nogueira e Silva Peneda, em 1988.

2 O ministro Cadilhe e o secretário de Estado Oliveira Costa trocam impressões no Parlamento, em 1989

3 Oliveira Costa na bancada do Governo, com Cavaco Silva, durante uma sessão parlamentar, em 1988

4 Em campanha, Cavaco e Dias Loureiro, no ano de 1991

Por esta altura, Dias Loureiro já conhecia todos os influentes banqueiros e homens de negócios que passavam pelo gabinete de Oliveira Costa. Como homem-forte do PSD, cabia-lhe aceitar os donativos (generosos) que iam chegando ao partido do poder, em vias de conquistar a até aí inédita segunda maioria absoluta. Cavaco precisou dele no Governo. E ele, finalmente, foi. ➤


**PORTUGAL
CASO BPN**


INÉDITO Oliveira Costa está detido desde final de Novembro. Desta vez resolveu contra-atacar

► Não provou, porém, o travo amargo das notícias de jornal. Apenas uma ou outra zombaria, como aquela frase (falsa) que teria dito, por telefone, ao pai (falecido quando ele ainda estudava Direito, em Coimbra): «Já sou ministro!»

Dos Assuntos Parlamentares, na primeira maioria, transitou para a Administração Interna. E foi aí que se rodeou de dois amigos que, mais tarde, levaria para a SLN. Daniel Sanches foi a sua primeira escolha para dirigir o SIS. Para a secreta militar, convidou o seu velho amigo, e conterrâneo, Lencastre Bernardo.

Este tipo de casos não é um exclusivo do PSD. O «bloco central» é pródigo em trânsitos, seja do Governo para as empresas seja no aparelho de Estado, em diversas colocações. Quem o garante é o politólogo António Costa Pinto: «Também há figuras equivalentes no PS. O PSD, no período cavaquista, foi um partido mais aberto, mais poroso, com uma elite governamental com maior mobilidade.» E se o «gestor» é mais

típico do PSD, o «advogado» é o protótipo do socialista que transita entre o público e o privado. Com o beneplácito da opinião pública, que vê, garante Costa Pinto, «os políticos profissionais» com maus olhos.

O ENRIQUECIMENTO

Quando acabou o cavaquismo (depois do tabu e da passagem de testemunho de Cavaco a Fernando Nogueira), já Oliveira Costa tinha currículo na banca. E uma alcinha, posta por adversários do PSD em Aveiro: *Zeca Diabo*. Implacável, diziam, como o cangaceiro da novela, acusavam-no de perseguir os adversários, se preciso fosse, utilizando para isso a própria máquina do Estado. O «Zé», como lhe chamam os amigos, saiu do Governo para uma prestigiante nomeação: vice-presidente do Banco Europeu de Investimentos. Em 1994, é convidado para presidir ao Finibanco, um pequeno banco de investimentos. Ficará três anos, o último dos quais já a desenhar o futuro BPN, o que lhe valeu uma saída azeda, em litígio com Álvaro da Costa Leite, o dono do Finibanco.

Já Dias Loureiro abandonou de uma forma menos auspiciosa a política activa. Ainda esteve uns tempos num escritório emprestado por Proença de Carvalho, onde tentou retomar a advocacia. Mas a

sorte grande surge-lhe pela mão do milionário José Roquette, que o convida para a Plêiade, e, depois, lhe oferece sociedade. «Quando se sai do Governo, precisa-se de ganhar dinheiro, é verdade. Mas passados cinco ou seis anos, tinha o suficiente para não ter de me preocupar com isso», afirmou Loureiro. E o não ter de se preocupar é literal. Com o negócio da Plêiade, que o juntou, de novo, a Oliveira Costa, enriqueceu. Chegou, segundo relataram os jornais, a pagar mais impostos que Belmiro de Azevedo. Ao *Jornal de Negócios*, numa entrevista, deu a tática: «Isto é como na política. Quem só está preocupado em ganhar votos, perde votos. Ganhar dinheiro, como ganhar votos, tem de ser consequência de coisas que se fazem bem feitas.» Mesmo nos negócios, ao contrário de Miguel Cadilhe, Loureiro nunca deixou de ter um pé na política. Foi deputado, aconselhou Barroso, escreveu o discurso de tomada de posse de Santana, presidiu à mesa do Congresso do PSD, apresentou a biografia de Sócrates... E sempre admitiu que os contactos que recolheu na política lhe foram úteis mais tarde, no mundo empresarial.

Oliveira Costa pensava o mesmo. Mas sempre foi mais discreto. Desde 1997, altura em que conquista o poder no BPN, depois da saída de Américo Amorim, refaz ►

Tudo isto propicia a corrosão da democracia'

Paula Teixeira da Cruz, militante do PSD



PORTUGAL CASO BPN

► o seu circuito de eleição, Aveiro-Leiria, à procura do que dizia serem «as fortunas escondidas». Falou com pequenos empresários, grandes aforradores, imigrantes, e convenceu-os, a todos, a embarcar na experiência. Ele tinha apenas 6,32% das acções. Conquistou 450 accionistas, entre eles, como o *Expresso* revelou na última edição, o próprio Cavaco Silva e a filha, Patrícia, que venderam, em 2003, cerca de 250 mil acções do grupo compradas em 2001.

Foi precisamente nesse ano que Dias Loureiro entrou, como administrador, para a Sociedade Lusa de Negócios. E, a partir daqui, a história é conhecida. Ou, melhor, há várias versões da mesma história. Essa foi a troca de palavras, em versão monólogo, a que o País assistiu, na passada semana.

A ZARAGATA

Entra, então, em jogo uma terceira personagem: Joaquim Coimbra, que seria, segundo Oliveira Costa, o principal inimigo interno do seu poder no banco. Trata-se de um homem que também «subiu a pulso», nas empresas, primeiro, e no PSD, depois, onde chegou a integrar as direcções de Marques Mendes e de Luís Filipe Menezes. Nasceu em Vilar de Besteiros, Tondela, há 58 anos, e possui uma fortuna avaliada em cerca de 200 milhões de euros, com participações em sectores como a indústria farmacêutica, a comunicação social (*Sol*), seguradoras, turismo, vinhos...

É o «grupo dos 10», como Oliveira Costa se referiu aos accionistas que se opuseram à sua gestão, onde pontifica Joaquim Coimbra, que convida Miguel Cadilhe para a presidência da SLN, em meados de 2008. Cadilhe recusou, várias vezes, o convite. Sugeriu quatro outras hipóteses. Mas acabou por aceitar, em Maio. Uma fonte próxima de Cadilhe assegura que a principal motivação do ex-ministro (que saíra de uma candidatura derrotada à liderança do BCP), foi «o desafio» de reerguer a SLN. Mas a realidade acabou por mostrar-lhe que isso seria uma tarefa bastante mais difícil do que julgara... Diz quem lhe é

«A elite governamental do PSD tinha maior mobilidade com o sector privado»

António Costa Pinto, político



MIGUEL CADILHE Na última vez em que falou com Oliveira Costa, no Verão de 2008, pediu-lhe explicações sobre o caos no BPN

próximo, que não faltarão adjetivos para qualificar o seu estado de espírito ao observar o real estado das contas do grupo: «Estupefacção, indignação...»

Cadilhe lançou duas auditorias externas e iniciou a «operação César», para ter dados fiáveis sobre a situação da SLN. Assim que os obteve, convocou Oliveira Costa para uma reunião, num hotel em Lisboa, perto da sede do BPN, e, com o seu vice Meira Fernandes, interpelou-o, duramente, durante horas. Nesse encontro, Cadilhe terá perguntado ao seu antigo secretário de Estado, como foi possível que alguém «com especiais e sensíveis responsabilidades decorrentes de cargos desempenhados no passado, quer no Banco de Portugal quer no Governo», tenha permitido que as coisas chegassem àquele ponto. Pouco tempo depois, no dia 21 de Novembro de 2008, Oliveira Costa seria detido. E aquela terá sido a última conversa entre os dois.

Cadilhe acabará por sair, em litígio com todos: Oliveira Costa, Dias Loureiro, Joaquim Coimbra, Vítor Constâncio (acusou o Banco de Portugal de «falha grave e demorada na supervisão»), Teixeira dos Santos (por ter recusado o seu plano de «salvação» e decidido nacionalizar o BPN)... Esta é, afinal, a sua forma de actuar: o *outsider*, descomprometido.

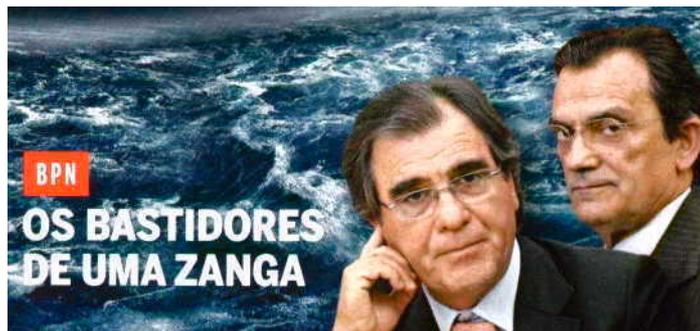
Será esta a verdadeira face do cavaquismo? Ou será, antes, a dos seus dois antigos amigos, Oliveira Costa e Dias Loureiro? António Capucho prefere não generalizar. «O cavaquismo não tem nada a ver com o que se passou no BPN.» Aliás, frisa o au-

tarca de Cascais, «enquanto projecto político, o cavaquismo acabou. Outra coisa é Cavaco Silva, que não perdeu o carisma, o prestígio e a credibilidade que as pessoas lhe reconhecem.»

Paula Teixeira da Cruz também acha «muito arriscado» fazer uma leitura política dos acontecimentos do BPN. «Tudo isto tem custos e propicia a corrosão da democracia...»

Miguel Veiga, histórico dirigente social-democrata não aceita sequer a ligação entre os ex-governantes e o actual Presidente da República. «Os protagonistas do caso BPN não eram a família política de Cavaco. Houve uns cavaquinhos que fizeram isto. Mas o cavaquismo não era isto.» E, para reforçar a ideia, lembra outro caso: «Fernando Nogueira tinha tão pouco dinheiro, era tão pobre, tão honesto, que não tinha 2 mil contos para pagar uma casa que tinha comprado a uma cooperativa. Foi o partido que lhe emprestou dinheiro.» E foi a Fernando Nogueira que Cavaco «entregou» o PSD...

A demora da justiça (há quase sete meses que Oliveira Costa está detido...) é criticada. E a falta de responsáveis acaba, indirectamente, por «manchar» a reputação de toda a gente. Cavaco Silva incluído? Miguel Veiga afasta esse cenário: «Felizmente, Cavaco nem percebia nada destes jogos de cumplicidade do dinheiro com o poder. Nem adivinhava. Cavaco é uma pessoa honesta, de mãos limpas. Não lhe passaria isto pela cabeça. Se soubesse, tinha-se suicidado.»





Declarações a pedido

Milhares de processos arrastam-se nos tribunais, demorando sentenças e prolongando sofrimento e incómodos. Mas basta ao ex-conselheiro de Estado levantar a mão, que a Justiça o convoca de imediato para prestar declarações. Loureiro foi duas vezes ao Parlamento, no âmbito da comissão de inquérito ao BPN, nas duas deixou por explicar muita coisa ou simplesmente explicou à sua maneira. Depois da intervenção de Oliveira e Costa, que precipitou o que Loureiro não pretendia, ou seja, demitir-se do Conselho de Estado, o antigo administrador Sociedade Lusa de Negócios quis ser ouvido. Só falta marcar o dia e a hora que mais convier.



? 11 PERGUNTAS A...

Teresa Caeiro

Deputada do CDS-PP, candidata ao Parlamento Europeu

«Eu dava uma segunda oportunidade a Quique»

1 – Concorda que os clubes incumpridores sejam afastados das provas profissionais?

– Nessa situação, sim.

2 – O Governo está a lidar da melhor forma com os casos BPN e BPP?

– Não. No caso do BPN, o Estado foi rápido demais e não foi cuidadoso.

O mesmo digo do BPP, embora seja uma situação diferente.

3 – Os últimos bons resultados alcançados pelos tenistas portugueses têm algum significado ou são ocasionais?

– São o resultado da aposta no ténis. Gostava que os nossos melhores tenistas continuassem com os bons resultados.

4 – Está satisfeita com a atual vereação do seu concelho ou é favorável à mudança nas eleições de outubro?

– Não, sou a favor da mudança. Lisboa está cada vez mais degradada. O atual mandato não obteve resultados e não apresentou melhorias dos espaços públicos. Por isso, a mudança impõe-se.

5 – Quique ou Jesus: qual de-



les seria melhor para treinador do Benfica?

– Quique Flores ficou aquém das expectativas, mas eu dava-lhe uma segunda oportunidade. No entanto, deve ser o clube a decidir.

6 – Luís Figo pode vir a ser um bom presidente da FPF?

– Absolutamente que sim. Acredito que reúne todas as condições.

7 – É fiel ao jornal de papel ou já o “trocou” pelo online?

– Sou fiel ao papel. Até leio o **Record** sempre que posso, com os meus colegas.

8 – O regresso de Armstrong vai fazê-la acompanhar a próxima Volta a França?

– Claro que sim. Armstrong é um exemplo a todos os níveis: perseverança, coragem e talento.

9 – O escândalo das despesas dos deputados britânicos teria as mesmas consequências em Portugal?

– Infelizmente, não. Em Portugal, as pessoas agarram-se aos cargos e, quando está em causa a sua reputação, não têm a humildade de renunciar.

10 – Qual dos grandes precisa de se reforçar mais para a próxima época?

– Penso que seja o Benfica.

11 – O trágico acidente da Air France vai fazer com que ande menos de avião?

– Não. É uma situação preocupante mas, se tivermos em conta as probabilidades, é mais arriscado andar de carro do que de avião.



BPN

Nuno Melo e o Banco de Portugal

— Raro é o dia em que Nuno Melo, cabeça-de-lista do CDS às eleições europeias, não fala no caso BPN, divulgando novos dados a partir da Comissão de Inquérito Parlamentar em que participa. Sabendo que ganha notoriedade nas comissões do BPN, Melo apressou-se a criticar o PS por ter marcado a audiência do governador do Banco de Portugal para depois das eleições europeias.



Melo não gostou da data em que Constâncio é ouvido, dia 8



Opinião

NUNO ROGEIRO Político

Relatório
minoritário

Heróis do mar

Somos feitos de água, como dizia o ficcionista Philip K. Dick. A tragédia de um avião francês, caído algures entre a imensidão marítima do Brasil e do Senegal, podia alertar-nos para as dimen-

sões estratégicas da Lusitanidade.

Brasília tem a 11.ª Zona Económica Exclusiva (ZEE) mundial, e Lisboa a 15.ª. Adicionando ZEE, águas territoriais e dimensão continental, o Brasil é o sexto maior Estado do mundo e Portugal o 16.º.

Isso comporta extensas responsabilidades, por exemplo na defesa e segurança,

busca e salvamento (SAR), investigação científica, ou protecção do meio ambiente (resguardando não só a Pátria, mas o género humano).

Mas a assunção, por Portugal, desde as convenções de 1979 e 1998, das suas obrigações internacionais, na área SAR, não se tem feito acompanhar de um investimento contínuo, nas marinhas e nas forças aéreas. Não havendo guarda costeira, só agora começando a discussão sobre os meios aeronavais da GNR, a responsabilidade de protecção tem cabido às forças armadas.

Mas não há meios. Sempre que a armada e a FAP desejam adquiri-los, em qualidade e quantidade, a bolsa está fechada. Às vezes compreensivelmente fechada, porque não se explica, ao político e ao contribuinte, para que serve a despesa.

Das fragatas aos sensores, dos aviões

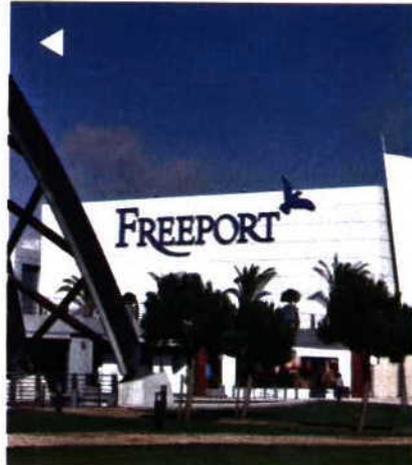
De um processo
ao outro

A teoria da conspiração lê-se assim: por cada caso Freeport, que putativamente afecta o PS, sai da cartola um caso BPN, que transtorna, diz-se, algumas áreas do PSD. Os irmãos inimigos manipulariam assim os cordéis, avançando os seus peões sempre que a rainha adversa se mostrasse mais atrevida.

Segundo a mesma tese, os exércitos rivais são enormes: chegam aos píncaros de Belém e S. Bento. E haveria, na mesma guerra, os culpados do costume: os misteriosos, competentes e obrigados "centros de comunicação e imagem", capaz de colocar historietas nos jornais enquanto o diabo esfrega um olho.

Mas, se olharmos bem, os "casos" possuem génese, intérpretes e contornos muito diversos. No BPN não havia nem cabeças coroadas, nem chefes de Estado ou de governo, nem sequer ministros em funções, ou com influência. Já no Freeport é a dignidade do Estado que sofre.

Por outro lado, nos dois casos, há uma mensagem subliminar: em Portugal, tudo se compra e tudo se vende. Até a Justiça. ●

Pequenos crimes
entre amigos

É verdade que Oliveira Costa "tratou da saúde" a Dias Loureiro. Desqualificou-o moralmente, mas ao mesmo tempo acusou-o de incompetência. Desvalorizou-o como gestor, mas revelou-o como centro de conflito.

Os deputados ouviam, embevecidos. No dia seguinte, um jornal titulava que, face às declarações de Costa, "fontes judiciais" juravam ser "inevitável" ouvir Loureiro. E o próprio PGR opinou que o depoente parlamentar teria dito coisas "novas".

Mas então Oliveira Costa diz mais no parlamento, onde não responde por crime, do que nos processos em instrução, onde é arguido?

Diz mais, mesmo afirmando, sob a batuta do seu causidico, que não pode falar sobre quase nada?

Não duvidamos de que, no enredo BPN, isto é só o começo do escândalo. Mas porque é que Oliveira Costa é o único detido, se há tanta maldade à solta?

Perante o arguido excelentíssimo, perante o gentil público, será outra vez "a Justiça" (ou a PJ) que paga as favas? ●

maulwurf@mail.telepac.pt

aos helicópteros, estamos sempre mais actualizados tecnicamente, na teoria, do que equipados, na prática.

Por outro lado, há ainda muito para fazer, e muito para divulgar, na cooperação CPLP, onde as forças luso-brasileiras precisam de cobrir uma grande percentagem do globo.

A propósito, Portugal parece dar sinais claros de querer sustentar a revisão e a expansão da plataforma continental, tendo entregado as declarações internacionais necessárias. Isto pressupõe, nas zonas mais meridionais, como a das Selvagens, a assunção de soberania, mas também a protecção do trabalho aturado de cientistas, no entendimento e na protecção do ecossistema.

Quando António Vitorino era ministro da Defesa, o governo Aznar autorizava o voo rasante das suas aeronaves de

Portugal e o Brasil controlam grande parte das águas do globo. E assumiram responsabilidades. Agora trata-se de cumprir as obrigações de soberania

combate por cima daquele arquipélago remoto da Madeira.

O executivo português de então (honra lhe seja feita) protestou educadamente, e reafirmou o controlo militar para a área. Hoje em dia, Madrid (compreendida a mensagem) parece mais disponível para não contestar a acção portuguesa na

plataforma continental. Prefere expandir a sua para oeste (e não norte) das Canárias, evitando choque de interesses.

O que nos deixa sem desculpas.

A recente visita às Selvagens de uma missão parlamentar, transportada no mais recente vaso de paz da Marinha (a "Bartolomeu Dias"), parece ser o sinal de que não encontraremos motivos para adiar o reconhecimento da nossa "vocaçao marítima". Sem provocação.

Tudo isto sucede quando se discute, no parlamento, o repatriamento dos combatentes mortos nas guerras africanas, e que jazem em condições pouco dignas, um pouco por tudo o que foi a Lusofonia.

Os "Heróis do Mar" de hoje não podem esquecer esses ossos.

São carne da mesma carne, sal do mesmo sal, lágrimas das nossas lágrimas. ●

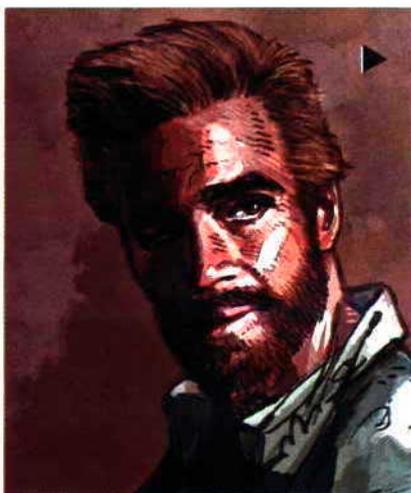
A cauda da Europa

Portugal regressa à "cauda da Europa". Trata-se do desemprego nacional que, pelos números de Abril, e pela primeira vez, é superior à média europeia, com esta também a subir, sob a crise e correlatos. Tradicionalmente, as coisas corriam mal na economia rectangular (e insular), mas equilibravam-se no mundo do trabalho. A proclamada (pelos liberais) "rigidez laboral", geradora de direitos adquiridos, parecia ser uma das razões da estabilidade: por outras palavras, era difícil despedir.

Mas estes são outros tempos. Diga-se ainda que o aumento do não trabalho pode corresponder à revelação da "economia real", ao fim de empresas e empregos fictícios, frágeis, fantasmas. E pode traduzir a primeira vaga de vítimas desqualificadas, face a novos requisitos da produção.

À beira do voto, deve pensar-se em tudo isto, num "oásis" onde se suspeita que, por regra geral, mesmo o emprego declarado é inflacionado.

Por outras palavras, a verdade é capaz de ser ainda mais cruel. ●



Largo Camões

Jorge Miguel, pintor e artista plástico, é também um grande autor de Banda Desenhada. Muito influenciado pela "linha clara" franco-belga, de Alexis a Moebius, criou um estilo próprio, onde incorporou o traço de nomes da revista *Mad*, sempre servido por uma impecável técnica. Publica agora, à beira do 10 de Junho, neste País à beira-mágoa (para citar Campos e Sousa), a história em quadrinhos *Camões: De vós não conhecido nem sonhado?* (Plátano). Trata-se de uma bem documentada, soberbamente ilustrada, ritmada e entusiasmante versão da vida do nosso maior poeta, da corte lisboeta aos mitos d'*Os Lusíadas*. Indispensável.

Depois é ir a Guarda (até 20), ver o Festival Jazz nas Alturas, onde se cruzam novos talentos, jazz cigano e música do mundo, gente das Américas e das Europas, e o inovador grupo português Not So Standard. E, já agora, descubra-se a voz original, entre o "pop espacial" e o jazz, de Youn Sun Nah, no álbum *Voyage* (ACT): fresco e experimental. ●



Opinião



Nuno Rogeiro 52

SEXTO SENTIDO



Filipe Luís

Campanha negra

Considero um dever de pedagogia democrática defender a política e os políticos. Tornou-se demasiado fácil, populista e um pouco covarde zurzir em quem já tem as costas largas. Os políticos encarnam, sempre, a famigerada terceira pessoa do plural: «Eles!» São sempre «eles», os culpados, os incompetentes, os corruptos. Eles. Nunca somos «nós». Ao mesmo tempo, quem manda, a alta finança, o poder económico, as multinacionais, entidades que poucos dos que estão sempre a atirar pedras têm a coragem de afrontar, passam incólumes. Insuspeito, portanto, de querer mal à classe política, devo admitir, desta vez: nesta campanha, é confrangedora a impreparação, assustadora a leviandade, esmagadora a alarvidade, paupérrimo o discurso e arrepiante a demagogia demonstrada por praticamente todos os cabeças de lista e por todos os líderes dos cinco principais partidos. No cenário patético das figuras de urso, nas feiras do País, safe-se Nuno Melo, não porque tenha ideias, mas porque se agarra, habilmente, ao maná do caso BPN/Banco de Portugal.

São adjectivos fortes, ditos com a esperança de que um alarme, tocado pela abstenção gigante, possa soar, naquelas cabecinhas pensadoras. Por razões de espaço, dediquemos atenção, apenas, aos dois maiores partidos.

OS SOCIALISTAS começaram por acusar os adversários de só quererem discutir temas nacionais e esquecerem a Europa. Pois foram eles que trouxeram para a mesa da discussão o caso BPN ou a reabertura das minas de Aljustrel. Temas «profundamente europeus», como se nota. Para não falar do argumentário infantil de José Sócrates, que esteve bem em Valência e em Coimbra, mas que tem gasto os últimos discursos a criticar a alegada falta de militantes nos comícios adversários. Temas europeus? Vou ali, já venho.

Vital Moreira tinha especiais responsabilidades. Esperava-se elevação no discurso, pedagogia na acção, inteligência nos argumentos – características

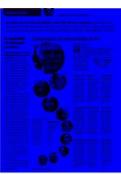
consentâneas com o seu prestígio e perfil. Mas não. Peixe fora de água, político enferrujado, *gaffeur* desastrado, exhibe um discurso inarticulado, demagogia na acção e arrogância nos argumentos. Um Manuel Maria Carrilho... em mau. Mais: outro qualquer teria suspenso, durante a campanha, a sua coluna no *Público* (tipo de atitude que depende, claro está, do sentido ético de cada um...). Vital tem *handicaps* de que nem sequer é culpado: a esquerda radical vê nele um traidor. A direita, um «comuna». E o PS, um intruso.



É confrangedora a impreparação, paupérrimo o discurso e arrepiante a demagogia, nesta campanha

No meio da desolação geral, até parece que Paulo Rangel tem brilhado. Mas o brilho do candidato «laranja» pode ser um fogo-fátuo. A sua notoriedade é mais mediática do que popular. Tem boa imprensa, mas pouco público. Devia disparar nas sondagens, mas manca, abaixo da linha de água. É que nunca foi tão fácil ganhar ao PS – e mesmo assim, o PSD deve perder. Culpas de um candidato promissor mas com défice de papa Maizena? Ou responsabilidades atribuíveis à falta de rede de uma liderança forte, determinada, solidária e presente? A um partido «saco de gatos», que não inspira confiança?

Agora, já pode dizer-se: foi você que pediu uma campanha negra? Ora tome! ▣



Primeiro Plano



GONÇALO BORDALO PINHEIRO

As gafes são normais na política, mas Vital Moreira exagera. Quer falar da Europa mas fala das minas de Aljustrel, quer outro imposto mas recusa mais carga fiscal, quer elevação mas acusa o PSD de estar na “roubalheira” do BPN

O candidato do Portugal positivo

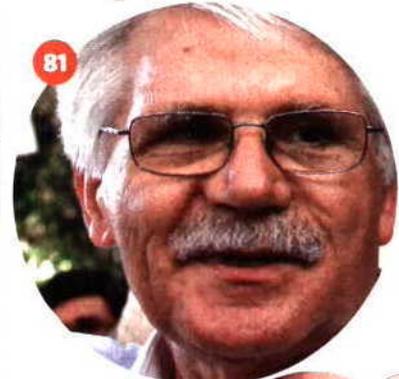
Vital Moreira esteve a estudar cuidadosamente o que se passa no País e chegou a uma conclusão: os jornais só dão notícias de (1) empresas a falirem – seguramente empoladas –, (2) trabalhadores despedidos – seguramente exageradas – e (3) a economia em recessão – seguramente mentira. Perante a injustiça, dedicou-se a passar a imagem de um “Portugal positivo” – seguramente existe, só que não será nas minas de S. Domingos, nem de Aljustrel.

Com pressa de mostrar o trabalho do Governo, Vital Moreira meteu os pés pelas mãos e trocou o nome das minas que, garantia, reabririam esta semana. Depois meteu as mãos pelos pés e baralhou se seria “uma centena, duas centenas ou três centenas de trabalhadores que voltam ao activo”. No fim, e como as minas continuavam fechadas, deu três cambalhotas, duas piruetas e um salto mortal para explicar que não tinha prometido nada mas apenas repetido o que o Governo dissera.

As gafes são normais na política, mas Vital Moreira exagera. Diz que quer falar da Europa na campanha mas fala das minas de Aljustrel, diz que quer um novo imposto mas recusa aumentar a carga fiscal, diz que quer elevação mas acusa o PSD de estar na “roubalheira” do BPN.

O “Portugal positivo” pode existir, mas uma coisa Vital Moreira nos assegura: não fica no Largo do Rato. ●

Campeonato de notoriedade na TV

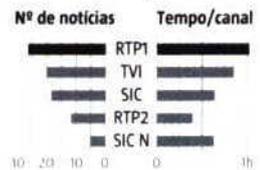


De 25 a 31 de Maio

81 Notícias

Vital Moreira

Tem quase mais 50% da exposição do candidato do PSD, em grande parte graças às 38 notícias emitidas pelos dois principais canais da RTP. Perante o tempo de antena assegurado, o candidato socialista recusa naturalmente o frente-a-frente com Paulo Rangel, o que considera um “favor” à oposição. De facto, quanto mais Vital Moreira fala mais os adversários agradecem.



61 Dias Loureiro

Vitimizou-se, entrou em contradição, agarrou-se ao cargo no Conselho de Estado. Pior só ser desmentido por um ex-banqueiro que está preso. O ministro que virou empresário transformou-se numa piada em que ninguém acredita.

60 Oliveira Costa

Foi ao Parlamento ler um discurso de várias horas e responsabilizar Dias Loureiro e Joaquim Coimbra pelo caos no BPN. Perante a apatia dos deputados, faltou pouco para sair como uma vítima incompreendida.

59 Paulo Rangel

Não resistiu muito à torrente de disparates de Vital Moreira e acabou, também ele, a aceitar um imposto europeu desde que não se aumente a carga fiscal. Ora, se se manda dinheiro para a Europa, tem de vir de algum lado.

46 Miguel Portas

O presidente da AMI critica a situação explosiva dos bairros sociais e apoia as políticas do BE. Detalhe: o presidente da AMI é também mandatário do BE nas europeias. Fernando Nobre devia esclarecer o que quer fazer: solidariedade ou política.

43 Paulo Portas

O CDS critica o Governo por não dar apoios a empresas que devem ao fisco ou tiveram lucros há pouco tempo. É bom que os gestores aprendam a viver longe do colo do Estado e percebam que há regras para cumprir. Até em Portugal.

43 Nuno Melo

Mostrou a irresponsabilidade e a ligeireza com que o Banco de Portugal defendeu a nacionalização do BPN. E mostrou mais: como é fácil conseguir em Portugal um documento supostamente ao abrigo do sigilo bancário.

42 Ilda Figueiredo

Ao contrário do BE, sempre tão rápido a criticar salários elevados e lento a agir, a candidata do PCP está contra os aumentos dos deputados europeus e, por isso, recusa-os. Prefere ganhar o mesmo que um deputado na Assembleia da República.

42 Cavaco Silva

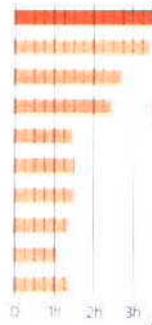
Quando lhe perguntaram, não disse que foi acionista da empresa dona do BPN e esclareceu que nunca teve ligações ao banco ou a empresas suas. Isso tem um nome: enganar as pessoas com uma verdade formal.

41 José Sócrates

A ERC, esse órgão independente onde brilha a assessora de propaganda de Mário Soares, concluiu que os noticiários da TVI não são isentos para o PS. O próximo passo será colocar a ERC na redacção e Estrela Serrano a pivô.

Total de tempo na TV

Vital Moreira
Dias Loureiro
Oliveira e Costa
Paulo Rangel
Miguel Portas
Paulo Portas
Nuno Melo
Ilda Figueiredo
Cavaco Silva
José Sócrates



FONTE Mediamonitor/Marktest



ID: 25389865

04-06-2009

Portugal

ELEIÇÕES. TUDO O QUE PRECISA DE SABER EM 13 PERGUNTAS E RESPOSTAS

AS EUROPEIAS EXPLICADAS ÀS CRIANÇINHAS

Se a campanha lhe passa ao lado, leia este texto e perceba porque é que o voto deste domingo é importante – é que as eleições europeias sempre indicaram o vencedor das legislativas





Inês Martinho, 10
anos, desenhou José
Sócrates e Manuela
Ferreira Leite
de mãos dadas



ID: 25389865

04-06-2009

PORTUGAL

Texto de
Alberto Gonçalves



Para onde vão os eurodeputados desaparecidos? Quem são os candidatos-fantasma? O que eleva um catedrático de Coimbra abaixo dos mortais? Qual a obsessão do CDS com queijos? Enfim, estas e outras pertinentes questões são respondidas de maneira frontal e simples, tão simples que só uma criança entende. Até porque, de acordo com as sondagens, os adultos nem tentam entender.

12345678910111213

Manuela Ferreira Leite cai se o PSD perder as eleições?

Depende da dimensão da derrota. Uma votação confrangedora e uma distância embaraçosa face ao PS talvez dessem às "facções" do PSD a deixa para novo brilharete antes das "legislativas". Três ou quatro por cento de diferença, como no máximo se prevê, não justificam aventuras imediatas, por muito que as aventuras no PSD não costumem exigir justificações. Convém lembrar: só a mera possibilidade de o PSD sair vencedor, ténue que seja, mostra algum mérito da dra. Ferreira Leite à frente de um partido que, quando mudou de chefe há um ano, era uma anedota pública. E isto contra as "facções", a "má" imprensa e, às vezes, a aparente aversão da senhora ao cargo que ocupa. Não é pequeno feito.

12345678910111213

José Sócrates está a ser julgado?

Numa eleição em que ninguém discute a Europa e todos discutem, nem sempre com modos, o País, é evidente que qualquer líder partidário se submete a julgamento, incluindo, por maioria de razão, o líder do partido no poder. Conheço a tese de que as "europeias" exacerbam o voto de "protesto" contra o Governo. Não partilho dela. As estatísticas também não.

Nas "europeias", o "protesto" e a abstenção tenderão a inflacionar a votação nos partidos que melhor exploram o descon-



O mapa da Europa, com os candidatos num tapete voador, por Inês Mendes, 11 anos

tentamento e os que melhor mantêm o eletorado "duro", isto é, BE e PCP, respectivamente. E só.

De resto, ao contrário do que corre por aí, nem sempre as "europeias" penalizaram o partido no Governo: não penalizaram o PS de Guterres em 1999. Mas, embora o facto seja pouco lembrado, com maior ou menor margem percentual, sempre indicaram o partido vencedor das "legislativas" seguintes.

Apesar do consenso em curso, segundo o qual o "protesto" e a elevada abstenção impedem as "europeias" de constituírem um indicador para as "legislativas", a verdade é que, coincidência ou não, não se conhece indicador mais apurado: se o partido que ganhar as eleições de Junho não ganhar as eleições de Outubro (?) será a primeira vez que tal acontece.

12345678910111213

Porque é que você, que não vai votar, é importante?

Porque pertence à força presumivelmente vencedora das eleições: a abstenção. E porque sublinha o desinteresse dos cidadãos nacionais (e, em geral, europeus) por aquilo que acontece no Parlamento Europeu. Mas a sua importância termina aí: é que o Parlamento Europeu também não quer saber de si para nada. A Europa tem-se construído de costas para os cidadãos, o que é pouco democrático. Infelizmente, as forças partidárias que, entre nós, se propõem acabar com este estado de coisas e "marcar a diferença" (linda expressão) não são mesmo nada democráticas. Felizmente, os seus escassos representantes não marcam a diferença em Estrasburgo e Bruxelas: marcam o ponto, o que se tolera.



Ilda Figueiredo desenhada no computador
por Violeta Mendes, 8 anos

12345678910111213

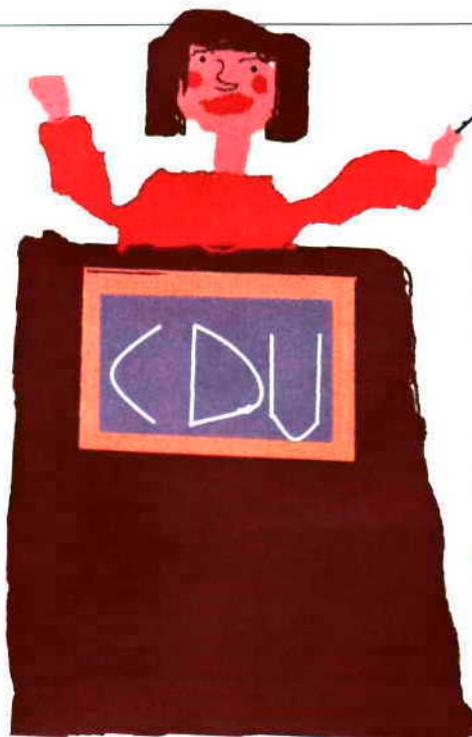
Uma abstenção elevada é sintoma de anomia democrática?

■ Claro que sim, se a principal referência de uma democracia participada for a Coreia do Norte. No entanto, por etiqueta, os maiores defensores do voto obrigatório disfarçam o fascínio pela firmeza de Kim Jong-Il e dão como exemplo a Bélgica, onde, no entender deles, uma democracia plena coexiste com o civismo compulsivo. O problema do exemplo belga é a circunstância de o seu zelo democrático coexistir igualmente com a falta de governo durante meses a fio. Porém, se lhes perguntarem com jeitinho, os proponentes do voto obrigatório explicarão porque é que a imposição de votar em quem manda nos belgas não impõe que alguém realmente mande. O que conta, dirão, é o princípio. De acordo: mesmo a Coreia do Norte começou por algum lado.

12345678910111213

O trabalho dos eurodeputados é mesmo importante para Portugal?

■ É, já que influencia, mesmo que partilhada ou indirectamente, boa parte das leis que nos regem. O trabalho dos eurodeputados portugueses, que representam menos de 3% do Parlamento Europeu, para cúmulo dissolvidos na regular obediência às decisões dos respectivos grupos políticos, é que não tem importância nenhuma.



12345678910111213

Quais as diferenças entre Miguel Portas e Ilda Figueiredo?

■ Além das óbvias (capilares e de género), é complicado discernir. Ambos gastam parte considerável dos salários nos respectivos partidos e ambos gastam uma parte ainda maior das respectivas entrevistas a inventariar os abismos políticos que os distinguem, e que os levam a concepções radicalmente opostas da "construção europeia": a dra. Ilda acusa o Bloco de federalismo, o dr. Portas acusa o PCP de "antieuropeísmo". O esforço é louvável (uma salva de palmas, por favor), mas, na prática, os abismos nem com um microscópio se enxergam, e dentro do microscópico grupo parlamentar que integram é facto que no último mandato europeu qua-

se não houve votação em que tivessem discordado. Cumprem o seu papel, que é o de fingir dissensão mútua quando a dissensão de um e de outro é com o "sistema" que abominam e a que estrategicamente se sujeitam. Na "Europa" e aqui.

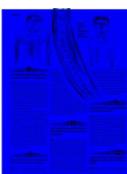
12345678910111213

Nuno Melo anda a brincar aos políticos?

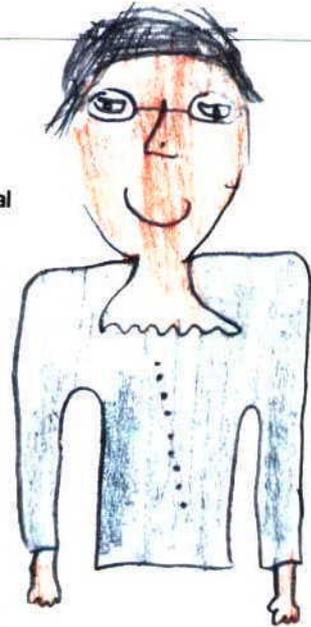
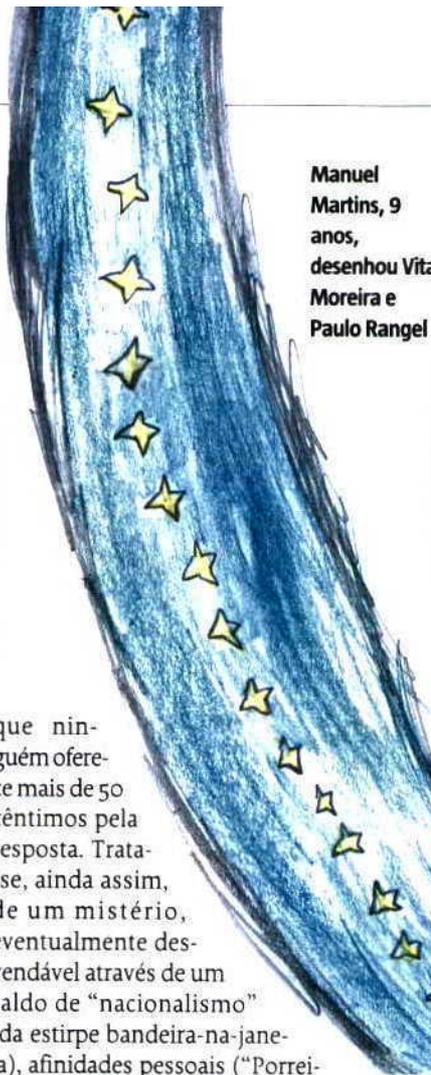
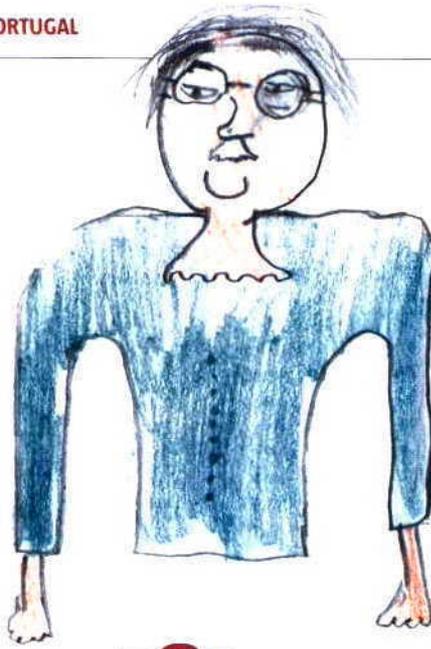
■ A primeira impressão é que a política anda a brincar com Nuno Melo, sobretudo depois da equívoca visita à feira de queijo na Régua, afinal limitada a uma barraca de faturas. Metáfora de uma campanha em falso? Não sei.

Sei que o CDS não se pode dar ao luxo de brincadeiras. Durante anos, as eleições para o Parlamento Europeu foram o derradeiro refúgio da popularidade do partido, entretanto progressivamente irrelevante na dimensão nacional e nulo na autárquica. A questão é que, durante esses anos, o CDS tinha um argumento que estimulava o debate em matéria europeia: a própria Europa, de que a organização então liderada por Manuel Monteiro e concebida por Paulo Portas era inflexível adversária. Pulverizado o dr. Monteiro, ficou Paulo Portas em versão "institucional" e ficou uma pergunta: sem o discurso antieuropeu ou "antifederalista", o CDS das "europeias" serve para quê? Ou seja, salvo os familiares e os fiéis, o que fará alguém desejar Nuno Melo em Bruxelas?

Em 2004, a coligação com o PSD disfarçou, bastante mal, o vazio "programático" (percentagem conjunta: 33%). Hoje, nada promete disfarçá-lo. Não há fome que não dê em faturas. ▶



PORTUGAL



Manuel Martins, 9 anos, desenhou Vital Moreira e Paulo Rangel

12345678910111213

Quanto tempo é que Vital Moreira e Paulo Rangel vão aguentar em Bruxelas?

■ No primeiro caso, dado o desempenho do dr. Vital na campanha, tanto faz. É previsível que o PS sobreviva à mudança do "professor doutor" para Estrasburgo ou, de preferência, para a Papuásia, onde, de resto, poderá graças às tecnologias manter o tipo de intervenção cívica que desempenhava antes da candidatura: escrever no blogue *Causa Nossa* textinhos tão laudatórios do primeiro-ministro que a própria mãe do eng. Sócrates teria pudor de subscrever.

Quanto a Paulo Rangel, o problema é mais ou menos o inverso. O que quer que o PSD tenha sido nesta campanha (e é razoavelmente unânime que foi melhor que o esperado), deve-o a ele. Sem ele, o PSD volta a parecer-se com aquilo que realmente é: uma agremiação dilacerada entre uma líder discreta por temperamento ou birra e uma série de bandos mais ou menos folclóricos empenhados no derrube da líder. O partido, ou no mínimo as suas ambições, não promete sobreviver muito bem à ausência de Rangel, embora não falte quem a deseje - a ausência, não a sobrevivência.

12345678910111213

Ao apoiar Durão Barroso, José Sócrates está a torcer pela vitória da direita?

■ A razão de semelhante apoio só não é a questão de um milhão de dólares por-

que ninguém oferece mais de 50 cêntimos pela resposta. Trata-se, ainda assim, de um mistério, eventualmente desvendável através de um caldo de "nacionalismo" (da estirpe bandeira-na-janela), afinidades pessoais ("Porreiro, pá!"), interesses pessoais (Sócrates ajuda Barroso na "Europa", Barroso não maça Sócrates por cá), pessimismo e desorientação dos socialistas europeus, etc. Como se vê, nada de muito edificante. Cinquenta cêntimos chegam e sobram.

12345678910111213

Elisa Ferreira gosta mais do Porto ou de Bruxelas? E Ana Gomes prefere Sintra ou Estrasburgo?

■ As senhoras a que Vital Moreira, num assomo do que na Bairrada passa por ironia, chamou candidatas-fantasma estão a ser vítimas de uma injustiça: o calendário eleitoral, que aproximou as eleições para o Parlamento Europeu das eleições autárquicas. Devidamente separadas, as datas permitiriam que as senhoras reservassem o posto na "Europa" e, um ou dois anos depois, descessem à província sem vestígio de imoralidade, pelo menos pública. Assim, o que está em causa é apurar se o Porto gosta de Elisa Ferreira e se Sintra gosta

de Ana Gomes (Bruxelas e Estrasburgo aguentam-se sem ambas). Sobre isso, tenho um palpite, e a certeza de que a CIA sofrerá por muitos e bons anos a incansável mas cansativa Ana Gomes. Quanto à dra. Elisa Ferreira, francamente ignoro do que se ocupa no PE, logo não sei quem a terá de aturar. Mas não serão os portuenses.

12345678910111213

Vamos sentir a falta dos eurodeputados nos próximos cinco anos?

■ Dificilmente. Falo por experiência própria: em conversas com amigos, com frequência acontece-me evocar fulano de tal que deixou a vida política. Na quase totalidade dos casos, corrigem-me imediatamente: não deixou, está em Bruxelas e Estrasburgo. E quem diz fulano de tal, diz sicrano, beltrano e todas as excursões de luminárias que desapareceram nas cercanias do Parlamento Europeu desde 1987. De longe a longe, como Lázaro dos mortos, alguns regressam, mas não deparam com o espanto da Pátria.

12345678910111213

Porque é que um bom resultado de Paulo Rangel é perigoso para Pedro Passos Coelho?

■ Em curtíssimo período, Paulo Rangel foi erguido a nova glória de uma certa direita



atarantada. As razoáveis virtudes políticas do dr. Rangel explicam parte da ascensão; o estado anterior do PSD, tão débil que favorece a confusão de um candidato decente com o Messias, explica o resto.

Mesmo não sendo o Messias, nem sequer Rui Rio, é possível que a vitória (ou uma derrota "honrosa") de Rangel lhe conceda uma aura sucessória e um prestígio aborrecido para as expectativas do dr. Passos Coelho, que uma procissão de "notáveis" desenterrou a fim de lhe entregar o partido ou de acabar com o partido, consoante o que sucedesse primeiro. Rangel adiou a agonia. Nada garante que a tenha evitado.

12345678910111213

O PS ainda está à frente nas sondagens porque o povo adora Vital Moreira ou porque não odeia Sócrates o suficiente?

■ É difícil medir o sentimento popular pelo eng. Sócrates. É fácil perceber que o PS lidera as sondagens apesar de Vital



A bandeira com as 12 estrelas que simbolizam a unidade da Europa foi desenhada por Mariana Pais, 4 anos

sa democracia e provou cabalmente que o poço não tem fundo. Talvez venha a provar que a larguíssima vantagem de que o PS dispunha no início não chegue para a vitória. Principalmente os ataques a Manuela Ferreira Leite ("ela", na refinada retórica da sumidade), que não abdicou de envolver na "roubalheira" do BPN, configuram um estilo (digamos) que envergonha parte do PS e convenceria um país "normal" a recusar-lhe um único voto, ainda

que a tentação de enviar a criatura para longe seja, por razões de higiene, assaz compreensível.

Entre parêntesis, vale notar que o eng. Sócrates não só parece apreciar o "estilo" do dr. Vital como o adoptou em discursos apopléticos. Um país "normal" também tiraria daqui uma ou duas ilações. ●

Moreira, o homem que quer pôr o País a discutir a Europa depois de o decretar incapaz de discutir a Europa.

Não se trata somente de uma campanha baixinha, daquelas a que vulgarmente nos referimos pelo "fundo do poço". Em curtas semanas, a sumidade coimbrã realizou um dos espetáculos mais bizarros da nos-



54 Alberto Gonçalves explica-lhe o que está em causa nas eleições europeias de domingo – como se tivesse 6 anos

Opinião

ALEXANDRE PAIS
Director de Record

Observador



A maluquice do riso

Nuno Lopes é o nome do filho do campeãoíssimo Carlos Lopes, que para desilusão geral não herdou, do pai, os genes que permitissem proezas atléticas de nova geração. É também, pelo menos, nome de um manequim de primeira linha, agenciado pela Central Models, de um jogador de futsal, de um fotógrafo, de um cientista e até do candidato do PS à Câmara de Marvão. Mas o Nuno Lopes que está na moda é o humorista, que andou a investir na sua formação no estrangeiro, a representar Brecht, Strindberg e Shakespeare, a aprender dança, canto e música, a trabalhar com Jorge Silva Melo, a ganhar o Globo de Ouro com *Alice*, a dar cuidadosamente cada passo da sua carreira – e afinal o sucesso estava ali, à sua espera, em *Os Contemporâneos*.

Poderíamos dizer que não valia a pena ter-se preocupado tanto? Errado. É verdade que sem a oportunidade deste programa de TV tudo aconteceria mais tarde ou nunca. Mas sem o percurso percorrido – esse percurso – o actor acabaria por sucumbir aos efeitos perversos do seu êxito fulminante. A mesma televisão que o projectou o haveria de destruir. Estou a ver a plateia do concurso 1,2,3, há mais de 20 anos, a aplaudir de pé o *Fini-ngo*, e todos a desmancharem-se a rir, para poucos anos depois o votarem a um atroz esquecimento. Com Nuno Lopes será mais difícil esse desenlace, já que ele não é a máquina de anedotas que pode parecer, é sim um comediante sólido que encontrou simplesmente o caminho mais rápido para chegar ao grande público. Ainda há dias ganhou o *Prémio M&P* para a melhor voz de publicidade de 2008, uma distinção conferida por um vasto júri de especialistas que terá sido influenciado por um modismo, mas que tem fama de não dispensar a qualidade. Falhou ao não escolher a SÁBADO, mas isso é apenas uma questão de tempo e outra história.

O único aspecto que me leva a olhar com reserva para Nuno Lopes e para o seu indiscutível talento é o sublinhado popular e absolutista da sua capacidade para o humor. É certo que também sou fã e entro na onda, só que sinto alguma ansiedade pelos trabalhos seguintes, esperando que o actor não fique refém desta vocação nacional para as graçolas, desta febre de mais ou menos palavrões, desta maluquice do riso que tudo vai alagando, talvez como escape grátis ao peso, por vezes insuportável, da vida de todos os dias.

O caso do BPN e dos milhões de euros dos depositantes desviados para negociatas e garantidos ao caixa pelos nossos impostos está fresco. O pivô da orgia esteve agora no Parlamento a mandar os seus recados e lembramo-nos bem de como a sessão terminou: com alguns deputados e o sujeito à gargalhada, trocando piadolas. Riam-se de nós, eu sei, e a isso não acho graça. ●

Espero que Nuno Lopes não fique refém desta febre das graçolas que tudo vai alagando


OPINIÃO
BOCA DO INFERNO

Ricardo Araújo Pereira

Duas roubalheiras e uma bandalheira

Pode o caso BPN ser definido como uma 'roubalheira'? Pode. **Mas pode ser definido dessa forma por alguém que não esteja ao volante de um táxi? Pelos vistos, sim.** Que se tratou de uma roubalheira, ninguém parece ter dúvidas. Mas (algo inexplicavelmente, aliás), as pessoas continuam a esperar de um político que possua a virtude da elegância, e foi por isso que as declarações de Vital Moreira causaram algum tumulto. Uma expressão de sabor arcaico, como 'uma indecorosa falperra', talvez provocasse menos polémica. Uma 'imunda mamata', mesmo tendo em conta a sua pujança aliterativa, teria sido, provavelmente, mais bem tolerada. 'Uma rapinagem indecente', não sendo uma enunciação menos violenta, ter-se-ia aceitado melhor. O grande problema da escolha de palavras de Vital Moreira é a apropriação, pelo discurso político, do léxico próprio do discurso popular. Se candidatos a cargos públicos começam a destratar-se com o vocabulário do povo, que sobra aos cidadãos para a saudável manifestação de desdém pelos seus representantes? Estamos, evidentemente, perante uma outra roubalheira, esta de ordem lexical. Se, nos próximos dias, Vital Moreira acusar Paulo Rangel de se candidatar ao parlamento europeu com o único propósito de 'ir para o poleiro', poderemos mergulhar na maior crise vocabular que o país viveu desde que Pinheiro de Azevedo disse que estava farto de brincadeiras e que o chateava ser sequestrado.

O violento ataque de Vital Moreira às regras tácitas da linguagem só encontra paralelo no violento ataque de Vital Moreira às regras tácitas da convivência política. Quando relacionou 'figuras gradadas do PSD' com a roubalheira do BPN violou um princípio fundamental e bonito: PS e PSD podem acusar-se mutuamente de minudências, mas devem conter-se no que toca aos assuntos

importantes. O PSD não traz para a campanha o envolvimento de figuras gradadas do PS no caso Freeport e o PS não chama à colação as figuras gradadas do PSD atingidas pelo caso BPN. Ambos os partidos desejam ardentemente que os casos sejam investigados, mas estranham que estejam a ser investigados 'nesta altura'. **É um escândalo que a investigação seja feita e publicitada em períodos políticos sensíveis, e não naqueles dez minutos por ano em que não há campanha eleitoral autárquica, nem europeia, nem legislativa.**

Por outro lado, Vital Moreira foi duro na caracterização da roubalheira, mas não foi tão rigoroso na contabilização das figuras gradadas. Há figuras gradadas do PSD associadas à roubalheira do caso BPN e figuras gradadas do PS ligadas à bandalheira que o consentiu. O campeonato das figuras gradadas, neste e noutros assuntos, está mais ou menos empatado. ▣



Há figuras gradadas do PSD associadas à roubalheira do caso BPN e figuras gradadas do PS ligadas à bandalheira que o consentiu. O campeonato das figuras gradadas, neste e noutros assuntos, está mais ou menos empatado.



Sobe & Desce

MIGUEL PINHEIRO

Sobe

Xutos & Pontapés

Ninguém do Governo ligou para as rádios a proibir a música Sr. Engenheiro, dos Xutos. Não houve pressão, nem censura. Mesmo assim, elas ignoram-na, para não arranjar problemas. É o triste país do respeitinho.



Desce

Azeredo Lopes

Estas coisas repetem-se as vezes que for preciso: os jornalistas devem prestar contas aos tribunais, e não a uma autoridade administrativa, seja ela a ERC ou outra. Não é para proteger quem faz as notícias, mas quem as vê.



Cavaco Silva

Era possível dizer isto com mais suavidade, com cautelas e cuidados, mas é melhor ir directo ao ponto: o Presidente tentou esconder a sua participação accionista na SLN por causa do escândalo BPN. Isso não tem explicação nem desculpa.



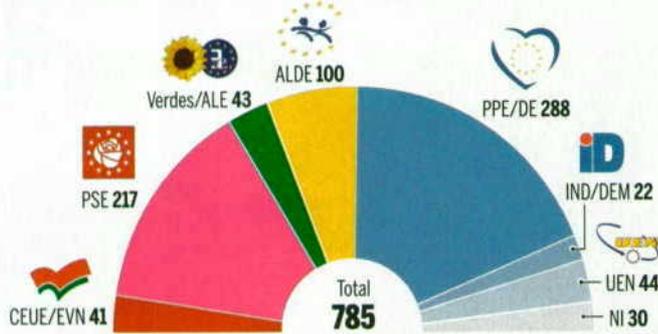
Carlos César

De vez em quando, aparece um ET com as propostas mais abstrusas. O líder açoriano defendeu o voto obrigatório, com castigos fiscais e no acesso aos serviços públicos a quem se abster. Vá lá: a ideia teve morte súbita, vítima de gargalhada unânime.





O PARLAMENTO EUROPEU ATÉ DOMINGO



PPE/DE Partido Popular Europeu e dos Democratas Europeus
 PSE Partido Socialista Europeu
 ALDE Aliança dos Democratas
 UEN União para a Europa das Nações
 Verdes/ALE Verdes/Aliança Livre Europeia
 CEUE/EVN Coligação Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica
 IND/DEM Independência/Democracia
 NI Não inscritos

INFOGRAFIA VISÃO



(CAMPANHA)

Europeias, contagem decrescente

Um dos temas mais interessantes da noite eleitoral de domingo será o do futuro de Durão Barroso como presidente da Comissão

Os dois deputados ao Parlamento Europeu que Portugal vai perder, nesta legislatura, sairão dos maiores partidos, do PS, do PSD, ou de ambos. O nosso país elegeu 24 deputados mas, pelas novas contas, e com uma Europa a 27, Portugal terá direito a apenas 22, eleitos entre os 13 partidos concorrentes às eleições deste domingo, 7. Nas eleições europeias de 2004, o PS conseguiu preencher metade dos lugares em disputa, com 12 representantes (ver quadro). Pelo que tem sido a tendência eleitoral portuguesa, ganha as europeias o maior partido da oposição. O que se explicará pelo facto de este acto eleitoral decorrer, geralmente, em anos de-

sencontrados das legislativas e de o eleitorado, sem a pressão de escolher um governo, aproveitar para penalizar quem está no poder. Não está em causa a estabilidade, nem o primeiro-ministro, nem a governabilidade. A esmagadora vitória socialista de 2004 deu-se em pleno Governo de Durão Barroso (PSD). O então chefe do Governo declarou ter entendido a mensagem do eleitorado. Pouco depois, porém, foi escolhido para presidente da Comissão Europeia, dando origem à nomeação de um novo governo de maioria PSD/CDS, chefiado por Pedro Santana Lopes. Este ano é diferente, o que justifica, em parte, a crispação sentida em toda

a campanha, por estar em jogo não só o resultado do dia 7 mas também a dinâmica de vitória - ou de derrota - que esse resultado possa imprimir às eleições subsequentes, autárquicas e legislativas. Este nervosismo dos partidos explica, também, a predominância da discussão de temas nacionais, e até partidários, em detrimento dos europeus. O PS, que alertou a opinião pública

para aquela circunstância no início da campanha, foi o primeiro a resvalar, atirando para a discussão temas como o das minas de Aljustrel ou o do caso BPN. Outro assunto interessante a ressaltar da noite eleitoral de domingo será o do futuro de Durão Barroso, como presidente da Comissão Europeia. Apesar do apoio já declarado da maior parte dos governos da União, incluindo alguns socialistas, uma eventual vitória do PSE colocará em risco essa recondução, que terá de passar pelo crivo eleitoral do PE. Os partidos nacionais estão em três das oito actuais famílias europeias: PSE (o PS), PPE (PSD e CDS) e União das Esquerdas (CDU e BE).

(O DADO)

785

é o número de deputados a eleger, até domingo, em eleições que decorrem nos 27 países da União Europeia



Opinião

PEDRO SANTOS GUERREIRO Director do *Jornal de Negócios*

Mundos e fundos



O BPN como assunto de Estado

As pessoas constroem a própria reputação ao longo da vida. Essa reputação depois protege-as de suspeitas — ou atira-as de cabeça contra elas. Quando as suspeitas no BPN (Banco Português de Negócios) apareceram no jornais, Dias Loureiro já tinha a reputação que tinha. E Cavaco Silva a reputação que tem. É lamentável que o primeiro se tenha escudado no segundo. Foi um erro tê-lo deixado.

É verdade histórica que os principais suspeitos do escândalo BPN se afirmaram com Cavaco. Dias Loureiro, Oliveira Costa, Joaquim Coimbra, Daniel Sanches, etc. foram seus parceiros. Isto não faz de Cavaco mais do que ingénuo. Mas o Presidente devia ter-se demarcado tão cedo quanto possível. Fê-lo tão tarde quanto pôde.

Cavaco Silva foi usado como caução moral destes gestores. Devia ter hostilizado o seu conselheiro de Estado. E devia explicar porque comprou e vendeu ações do BPN mesmo que durante um período “civil” da sua vida. Não há mal nenhum em

ter investido naquele banco, mas é um erro não querer falar disso.

A imprensa tem tido para com o Presidente da República um cuidado institucional como não tem com o primeiro-ministro. Não com Cavaco e Sócrates, mas com o cargo. Já era assim com Jorge Sampaio, por exemplo. Mas isso não isenta o Presidente do escrutínio.

Dias Loureiro devia ter-se demitido mesmo em presunção de inocência, não por si, mas pelo Estado. Cavaco Silva devia ter-se demarcado pela mesma razão: não por si mas pelo Estado. Acabou como complemento directo numa história em que não é sujeito. Não precisava. Cavaco está protegido pela reputação que construiu de homem sério. Ele é a “moeda boa”. O mealheiro é que está cheio de “moeda má”.

O BPN como assunto detestado

John le Carré teria saído desiludido a meio da audiência de Oliveira Costa no Parlamento, mas Federico Fellini teria entrado radiante à mesma hora para a

acompanhar até ao fim. Foi quase burlesco assistir àquela singeleza de um velhinho, fraco e ingénuo, que entreteinha os senhores deputados com bolachas e larachas. Mas também houve vantagens. Apesar dos momentos de ópera bufa, os deputados são responsáveis pelo que se bufou. Porque o caso é gravíssimo.

Se há dúvidas de que o BPN é um escândalo, eis três números que falam como palavras: um banco de dimensão insignificante teve um prejuízo de 575 milhões de euros; a Caixa já lhe emprestou 2,25 mil milhões de euros, mais do que custa o primeiro troço do TGV; no fim, o Estado (eu, você e mais de 10 milhões de outros nomes) deverá perder mais de mil milhões de euros.

A palavra de Oliveira Costa já não merece grande crédito, mas foi com as suas declarações que todas as intervenções anteriores de ex-responsáveis do BPN se tornaram ridículas. A sucessão de audiências dos que nada sabiam (e o que sabiam era sempre contra o mesmo, Oliveira Costa) era demasiado incrível. Agora, acabou aquela espécie de *Monólogos da Vagina* ao contrário: ali nada se sabia, nada se confienciava.

As lutas entre accionistas explicam muitos do problemas que se viveram, por exemplo, no BCP e empresas relacionadas (Cimpor e Teixeira Duarte). E muitos gestores utilizaram essa divisão para reinar. No BPN, um homem mandava. Mas muitos demandavam. •

O nosso homem na City

Em 2006, a imprensa económica viveu um momento patético ao noticiar que o Santander Totta marcara uma conferência de imprensa-surpresa para anunciar um acontecimento de importância nacional. OPA? Fusão? Confusão? Nããã, era Horta Osório que ia para Londres. Três anos depois, o gestor mostra que não foi apenas para um sítio chique. O Santander cresce em Inglaterra onde outros definharam. E Horta Osório entra na administração do Banco de Inglaterra.

Regular o “defeso”

Acabou o campeonato de futebol, começaram as contratações-fantasma. Só que os clubes têm agora sociedades cotadas em Bolsa e brincar com os seus activos é mexer com dinheiro dos outros. Para a CMVM deve ser um inferno obrigar a comunicar se Quique Flores vai ou fica, mas não deixa de ser cómico pensar no regulador a sublinhar todos os dias o *Record* por causa de ações que não têm peso algum na Bolsa. Como se diz na gíria, é o defeso.

A falácia da falência

A General Motors protagonizou esta semana a maior falência de sempre, maior que a Lehman (líder dos colapsos) e que a WorldCom (a campeã anterior). Só que a GM só faliu tecnicamente, coisa de advogados. Porque ao lado nasceu outra empresa, coisa de economistas. O liberalismo económico já não existe. Mas uma empresa que já não tinha mercado ainda existe. Salvar empregos não é salvar a economia, mas todos os governantes agem como se assim fosse.



Radar: figuras

: mais & menos

QUEM GANHOU COR E QUEM A PERDEU NESTA SEMANA



+ **Nuno Melo** não larga o osso do BPN e o das falhas da supervisão. Raramente um deputado se destacou tanto na defesa de uma causa pública. **Pinto Ribeiro** investirá 15 milhões de euros na revalorização integrada da 'Rota dos Mosteiros' (Tomar, Batalha, Alcobaça e Jerónimos). O Património é

das mais nobres causas públicas. Já **Jesualdo Ferreira** não larga o osso das vitórias, dos títulos e das taças. Depois do tetra, a dobradinha. E **Michelle Brito**, com o desempenho em Roland Garros, pode entrar para as primeiras 100 do mundo. Para as adversárias, é um osso cada vez mais duro de roer.

- A nacionalização do BPN, decidida por **Teixeira dos Santos**, é ruinosa: o Estado empenhou-se de mais e já voaram 2,55 mil milhões de euros. A AR foi incapaz de eleger um provedor de Justiça. **Jaime Gama** devia ter-se empenhado mais. **Rodriguez Zapatero** é acusado de usar o Falcon do Estado para voar

rumo aos comícios dos amigos. E **Pinto da Costa** voa baixo: a ironia de pretender jogar a final da Taça no Estádio da Luz revela que não sabe ganhar e que continua mais obcecado com o Benfica do que com o seu próprio clube, o que se traduz, também, no tipo de festejos dos adeptos portistas. F.L.

DESTAQUE ENTREVISTA A HORTA OSÓRIO

“Recuperação económica vai ser lenta e difícil”

Portugal tem desvantagens na recuperação porque é uma pequena economia aberta, com um elevado nível de endividamento, alerta Horta Osório.

António Costa, em Londres
antonio.costa@economico.pt

“Um esforço significativo”. Este é o diagnóstico que António Horta Osório faz para Portugal conseguir recuperar. Um esforço que se deve à posição de partida. O presidente executivo do Abbey National, em entrevista ao Diário Económico, defende a opção dos governos em apoiar a banca, já que esta é “o mecanismo por excelência de transmissão do crédito dentro da economia”.

Horta Osório diz não estar surpreendido com a resistência do sistema financeiro português já que os “bancos têm padrões de prudência elevados e não estavam contaminados por produtos tóxicos”.

Portugal tem condições para acompanhar o ritmo de recuperação económica dos principais parceiros comerciais, agora que parecem surgir os primeiros sinais de desaceleração da crise?

A economia portuguesa tem algumas desvantagens para apanhar a recuperação económica internacional. E essas desvantagens resultam, em primeiro lugar, do facto de Portugal ter uma economia aberta, muito dependente do que se passa com os nossos parceiros comerciais a nível mundial, portanto, uma recessão a nível mundial tem um impacto forte numa pequena economia como a nossa. Em segundo lugar, os nossos principais parceiros comerciais, como a Espanha, a Alemanha e a Inglaterra, estão a contrair-se mais do que a média do sistema e isso afecta Portugal também de maneira especial. E finalmente, em terceiro lugar, Portugal entra numa situação financeira difícil, muito endividado. Temos um país que está muito endividado ao nível das famílias, das empresas e do Estado. Portugal tem que ter um cuidado especial para manter a sua credibilidade internacional e manter os custos de financiamento a níveis aceitáveis. Nesta recuperação, que antevejo lenta e difícil, Portugal terá que fazer um esforço importante devido à posição de partida. A nossa situação de maior endividamento relativo em relação a outras economias,

“O importante é que as pessoas percebam que o apoio à banca é um apoio à economia como um todo, na qual os bancos jogam um papel fundamental”, diz Horta Osório.

como a inglesa ou a espanhola, implica que o Governo tem que escolher bem as prioridades onde actuar em termos de política orçamental, tendo sempre em atenção a questão da avaliação do “rating” da economia nacional, da sua credibilidade externa e do respectivo custo de financiamento.

Visto de fora, essa credibilidade está hoje posta em causa?

Essa credibilidade não está posta em causa, mas, obviamente, tem de ser ganha no dia-a-dia, em cada momento e com cada uma das decisões que se tomam. E à medida que forem sendo conhecidos novos números em termos dos défice público e dos níveis de financiamento da economia, essa credibilidade vai ter que ser ganha e mantida no dia-a-dia. Porque a credibilidade constrói-se ao longo do tempo.

Qual deve ser a estratégia de política económica a seguir pelo Governo português: uma política fiscal dirigida prioritariamente às empresas e famílias ou um foco nos grandes investimentos?

Em primeiro lugar, os apoios da política fiscal deviam ser muito mais dirigidos a sectores como um todo e não a casos específicos, na medida em que é difícil ter uma política destinada a privilegiar o caso A ou o caso B. Dentro dos sectores, penso que é muito importante apoiar o sector exportador e é necessário ter muito cuidado com os grandes projectos, especialmente para ter sempre presente qual é o volume de importações desses projectos, que desequilibram ainda mais o nosso défice externo. Além disso, repito, é preciso uma alocação muito clara de prioridades, porque me parece que o dinheiro hoje disponível é limitado para o conjunto de prioridades que está em cima da mesa.

O Governo deveria canalizar mais apoios à economia real, por oposição aos apoios à banca?

Esse é um ponto muito importante: A questão que deve ser discutida não é o apoio à banca. A razão pela qual os governos têm apoiado os bancos, e de forma adequada na minha opi-

nião, é porque a banca é o mecanismo por excelência de transmissão do crédito dentro da economia. É a banca que aloca os recursos financeiros dentro da economia, transformando poupanças das pessoas a curto prazo, que podem ser levantadas a qualquer momento, em financiamentos de longo prazo às empresas, para investimento, ou mesmo em crédito à habitação de longo prazo. Como a banca tem este papel fundamental na economia, as medidas de recapitalização da banca feitas a nível mundial – nos Estados Unidos, em Inglaterra, na Alemanha, em Espanha e também em Portugal – visam permitir um funcionamento regular do sistema financeiro e, logo, de toda a economia. Agora, esses apoios devem ser feitos em condições de mercado e a preços de mercado e na esmagadora maioria dos países, Portugal incluído, os bancos têm pago pelas ajudas do Estado.

O importante é que as pessoas percebam que o apoio à banca é um apoio à economia como um todo, na qual os bancos jogam um papel fundamental.

Compreende que um banco nacionalizado, como o BPN, esteja há tantos meses sem uma solução?

É do interesse de todos, e do interesse claramente de cada país, que problemas que existam sejam resolvidos o mais rapidamente possível. É muito importante numa economia de mercado que os activos que não são viáveis sejam rapidamente reciclados, sejam “aproveitados” por aqueles que melhor os sabem gerir e que rapidamente se tornem produtivos. Portanto, a existência de activos improdutivos, sejam eles quais forem, e a ausência de decisões durante muito tempo são obviamente negativos para o sistema financeiro e para a economia. Não estou a falar desse caso em concreto, porque não conheço a situação em detalhe, mas estou a falar no geral.

A resistência da banca portuguesa à crise financeira surpreendeu-o?

Penso que, no caso português, os problemas que aconteceram



Horta Osório diz que “é importante que, numa economia de mercado, os activos que não são viáveis sejam rapidamente reciclados”.

com dois bancos [BPP e BPN] são específicos, isto é, são de risco específico e não de risco sistémico, e não têm nada a ver com o sistema financeiro português em geral. São dois casos pontuais, por razões que estão agora a ser investigadas e que são específicas aos dois bancos, e não têm a ver com a solidez do sistema financeiro português como um todo, que é bastante elevada.

Mas surpreendeu-o a resistência do sistema financeiro português até tendo em conta o que se passou noutros sectores financeiros internacionais?

Conheço bem a banca portuguesa e, nesse aspecto, não fiquei surpreendido porque penso que os bancos portugueses



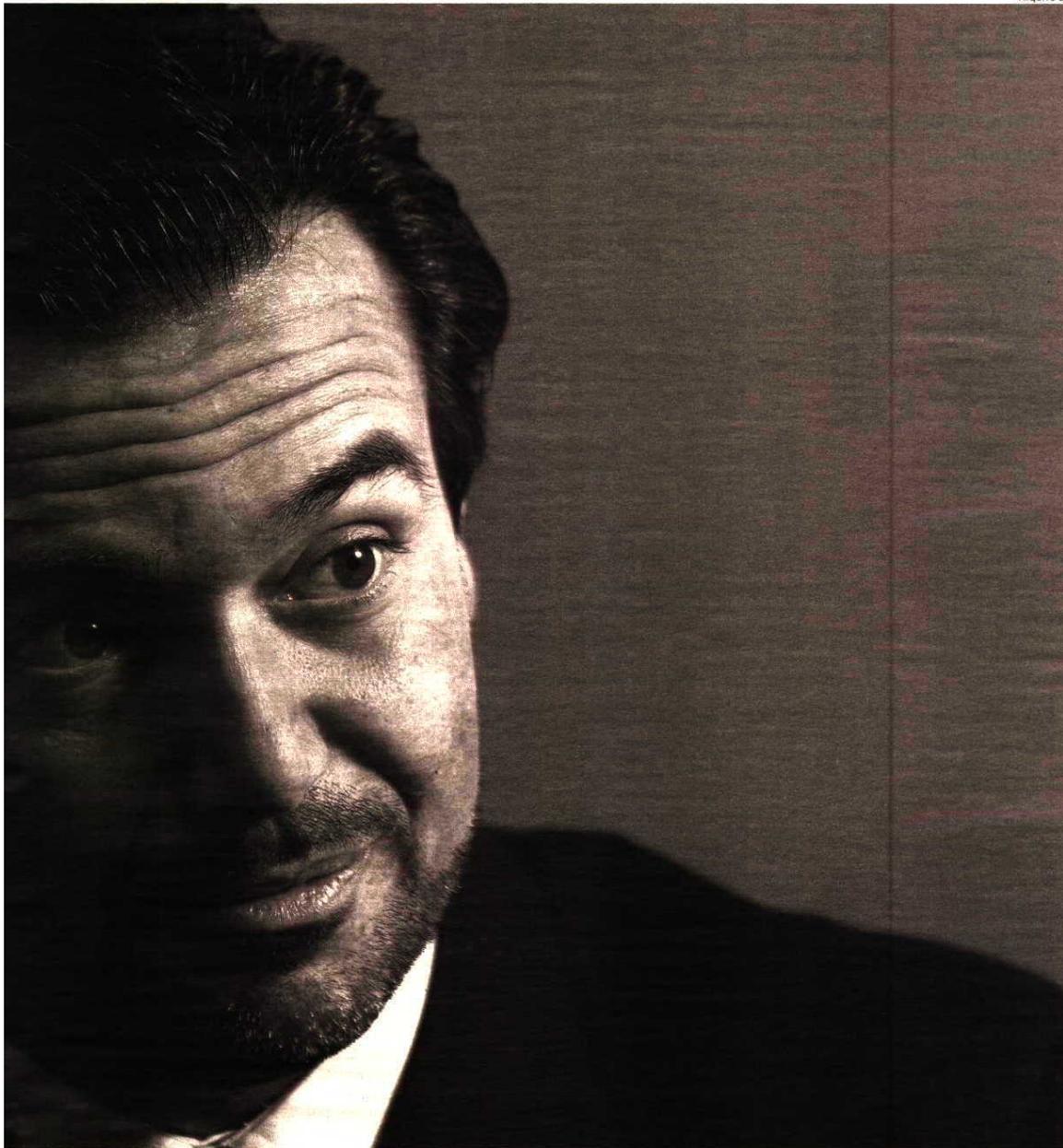
Veja a entrevista em
www.economico.pt

PONTOS-CHAVE

▶ "A economia portuguesa tem desvantagens para apanhar a recuperação económica internacional", alerta Horta Osório. "Uma recuperação que será lenta e difícil".

▶ Problemas como o do BPN devem ser "resolvidos o mais rapidamente possível", diz Horta Osório, sem responder directamente ao caso do Banco Português de Negócios.

▶ Horta Osório não está preocupado com a ingovernabilidade em Portugal, pois o país já "mostrou, ao longo de mais de 30 anos, que convive bem sem ter governos maioritários".



Arquivo DE

Crédito vai cair tal como o PIB

Esta recessão vai resultar numa desalavancagem da economia, vaticina Horta Osório.

O momento da retoma ainda não chegou, na opinião de António Horta Osório. Mas o presidente executivo do Abbey National Bank admite que a "descida económica e financeira muito forte, que experimentámos nos últimos 18 meses, tem vindo a desacelerar". Em entrevista ao Diário Económico, Horta Osório recusa fazer previsões.

"Como o mercado está nem as autoridades, nem o Fundo Monetário Internacional, nem os gurus dos bancos centrais têm querido fazer previsões, e muito menos eu as irei fazer", frisa. No entanto, o responsável defende que "a retoma, a nível mundial, vai ser um processo lento e difícil".

"As pessoas têm que se preparar para que é preciso poupar mais", alerta Horta Osório.

O presidente executivo do Abbey explica a sua opinião. "Esta recessão, originada por um significativo 'credit crunch', vai ter como consequência uma desalavancagem da economia, e isso significa que o crédito vai ter que descer em proporção do rendimento ou do Produto Nacional Bruto. Uma vez que o PIB está a descer, o crédito terá que descer em termos nominais", afirma.

Os governos na sua opinião têm feito o possível, mas isso não vai impedir que as pessoas tenham de poupar mais. "Os governos têm tomado medidas muito acertadas, para tentar suavizar esta descida, com aumentos fortes da política fiscal, na medida do que cada país pode, porque tem que se manter a credibilidade dos 'ratings' e a credibilidade do financiamento, com grande relaxamento das políticas monetárias, sobretudo nos Estados Unidos e na zona da libra". Mas, como a crise vai provocar a desalavancagem das economias "as pessoas têm que se preparar para que é preciso poupar mais e que para manter o seu nível de vida e de consumo e preciso trabalhar mais ou melhor", alerta. Por sua vez, "o aumento das poupanças vai levar a menos consumo e a menos estímulo para a economia", conclui. ■

têm padrões de prudência elevados, não estavam contaminados por produtos tóxicos, como os relativos ao 'subprime'. O sistema financeiro português, também por influência do Banco de Portugal, sempre se pautou por critérios de prudência grandes e, portanto, não é para mim uma surpresa que tenha resistido bem.

A avaliação das agências de 'rating' em relação à economia portuguesa é pior do que aquela que é feita pelo próprio mercado financeiro internacional quando 'compra' produtos financeiros emitidos pelo Estado ou pelos bancos nacionais. Faz sentido?

As agências de 'rating' são um operador importante do mer-

"Os apoios da política fiscal deviam ser muito mais dirigidos a sectores como um todo e não a casos específicos", diz Horta Osório.

cado, entre vários. Na avaliação de um banco há vários factores a ter em conta e as agências de 'rating' são um deles... portanto penso que são um jogador importante entre vários.

Na ressaca da crise financeira, fala-se muito da limitação dos salários e dos prémios dos gestores. É um caminho que deve ser seguido?

O que é fundamental é que se remunere o sucesso e não o falhanço. Os conselhos de administração dos bancos e das empresas estão a dar uma importância crescente a esse assunto, no sentido de evitar os "pára-quebras dourados", de evitar acordos em que a remuneração das pessoas, a compensação, possa não estar as-

sociada ao sucesso das suas empresas. Esse é o factor fundamental.

Preocupa-o a situação de eventual ingovernabilidade do país em termos políticos, caso não se verifique uma maioria absoluta nas próximas eleições?

A democracia portuguesa mostrou, ao longo de mais de 30 anos, que convive bem sem ter governos maioritários. Alias, só tivemos governos maioritários muito recentemente em termos de história da nossa democracia. Portanto, dependendo da capacidade de gerar consensos à volta dos partidos mais votados, ou das alianças que se possam estabelecer, não penso que isso seja um motivo de especial preocupação. ■

DESTAQUE ENTREVISTA A HORTA OSÓRIO

“É política do Santander não recorrer aos fundos estatais”

Apesar da recessão, o banco conseguiu aumentar a carteira de hipotecas e pequenos negócios e ser considerado uma marca 'safe heaven' no Reino Unido.

António Costa em Londres
antonio.costa@economico.pt

“Tanto no Reino Unido como nos outros países não recorremos a ajudas estatais, nem em termos de capital, nem em termos de garantias para emissão”, diz António Horta Osório, em entrevista ao Diário Económico. O presidente executivo do Abbey National revela que o objectivo do banco é atingir um milhão de novos clientes e descarta a possibilidade de fazer novas compras.

Após quase três anos em Londres, como se chega a conselheiro do Banco de Inglaterra, a autoridade monetária e de supervisão?

A nomeação para o conselho do Banco de Inglaterra como administrador é um convite a título pessoal, por parte do ministro das Finanças inglês, com acordo do governador do Banco de Inglaterra e, depois, proposto pelo primeiro-ministro à rainha. O 'apport' que posso dar no conselho do Banco de Inglaterra, à equipa executiva, prende-se com dois aspectos: em primeiro lugar, poderei dar uma visão internacional, do que se passa na zona euro e no mundo em geral, por força da rede do Santander; em segundo lugar, penso que também posso contribuir com a informação a que tenho acesso em tempo real, no Abbey, e também perspectivar e interpretar o que os nossos clientes estão a fazer, seja ao nível das empresas, seja das famílias.

Quando o Santander comprou o Abbey National, a operação foi muito mal recebida. Hoje o banco é considerado 'de refúgio', um valor seguro em tempo de crise. Qual foi a estratégia seguida?

A estratégia que seguimos para o Abbey, e que cumpre agora três anos, assenta por um lado no modelo que o Santander tem em termos globais e, por outro, replica uma estratégia que já tínhamos implementado em Portugal no Santander Totta. O Santander é um banco que se caracteriza de maneira bastante diferente da maioria dos outros bancos, porque procura sempre inovar o mais possível, ser muito dinâmico comercialmente, oferecer constantemente novos produtos e melhores condições e, ao mesmo tempo, tem uma enorme prudência em termos de riscos de liquidez, de capital, de crédito.

O Abbey acabou por ser um banco que beneficiou da crise financeira, porque a sua estratégia resultou num perfil de negócio cer-

PERFIL



Um português de sucesso

António Horta Osório é o primeiro português a ser nomeado administrador do Banco de Inglaterra, um cargo que requer a aprovação pela rainha. O homem de confiança de Emilio Botín, presidente executivo do Abbey dá assim mais um passo na paixão que acalenta desde os 15 anos. Horta Osório aprecia o desafio intelectual do xadrez, se refugia no ténis e adora fazer mergulho, licenciou-se na Universidade Católica, aos 21 anos, com 18 valores em Gestão e Administração de Empresas, rompendo com a tradição familiar, ligada à advocacia. Começou no Citibank Portugal, onde foi responsável pela área de mercado de capitais, mantendo funções docentes na universidade. Seguiu-se a Goldman Sachs até que Emilio Botín, presidente do Santander, o descobriu. Em 1993, com 29 anos, estava à frente do Santander de Negócios Portugal. Em 1997, já coordenava, simultaneamente, o Santander Brasil. Com a compra do Banco Geral de Comércio, em 1997, muda-se para São Paulo. Regressa a Portugal para assumir a gestão do Banco Santander Portugal, após a aquisição do Totta e do Crédito Predial Português. Em Agosto de 2006, muda-se para Londres, onde assume a presidência executiva do Abbey National Bank, onde transformou prejuízos em resultados consistentes.

to no momento certo?

A estratégia que fomos seguindo tem um segundo vector – o vector do risco – foi potenciada pela situação que se gerou com a crise financeira. Portanto, esta estratégia de gestão do risco teve, em Inglaterra, até um papel mais acentuado, porque, a partir do Verão de 2006, tomámos uma decisão contra o movimento do mercado, isto é, decidimos começar a reduzir o crédito ao consumo e apertar no crédito à habitação, privilegiando as margens em vez da quota de mercado.

O Abbey já cumpriu antecipadamente os objectivos e metas, também ajudado pela compra do dois bancos nos últimos meses. Haverá uma nova definição de objectivos?

Fazemos planos de três anos, revistos a cada ano. Conseguimos, apesar da recessão financeira e económica, aumentar substancialmente a nossa carteira de hipotecas e pequenos negócios, mas também ser considerada uma marca 'safe heaven' no Reino Unido. No ano passado aumentámos os depósitos 15%, três vezes o ritmo do mercado... conseguimos 500 mil novos clientes.

E este ano o objectivo é atingir mais um milhão...

É um milhão. E porquê? Porque este ano o banco tem quase o dobro do tamanho. Sempre disse aqui, publicamente, que o Abbey tinha significativas oportunidades de crescimento interno e que não precisava necessariamente de fazer aquisições.

Mas fez...

No ano passado, apareceram duas oportunidades que achámos que não deveríamos perder e que nos permitiram, a preços muito razoáveis, duplicar o tamanho do banco. O Abbey passou de uma quota de 6% para 11% do mercado inglês de banca de retalho, com a compra do Alliance & Leicester e do Bradford & Bingley,

Ainda há espaço no Reino Unido para novas fusões e aquisições?

Havia dez 'players' principais, passou a haver seis. Neste momento, os bancos estão numa fase de reestruturação, até com intervenção do Governo em vários dos principais bancos.

É uma vantagem para si não ter intervenção do governo em comparação com os concorrentes directos que têm essa intervenção?

É política do Santander não recorrer aos fundos estatais. Tanto no Reino Unido como nos outros

países não recorremos a ajudas estatais, nem em termos de capital, nem em termos de garantias para emissão.

É por uma questão de reputação?

Em primeiro lugar, porque não precisamos e achamos que devemos fazer o nosso trabalho, profissionalmente, em termos de sector privado, esperando que os bancos públicos retomem ao sector privado tão cedo quanto possível. É uma vantagem para nós podermos focar o nosso negócio, como sempre fizemos, na banca comercial, sem ter que estar com outras preocupações de ordem política ou do tipo de acordos que tem de se fazer para ter este tipo de apoios. Portanto, o banco não precisa, e continuamos muito focados na nossa estratégia, a desenvolver melhores produtos para os clientes, muito focados na banca comercial do dia-a-dia.

Não teme uma distorção da concorrência que pode ser induzida por este tipo de intervenções? Ou, na prática, as intervenções eram um mal necessário?

Isso pode acontecer. Pode haver alguma distorção se os bancos ingleses para cumprirem compromissos que têm de crédito acrescido derem crédito com critérios pouco adequados ou margens não comerciais, isso poderá acontecer. Seria uma distorção para o sistema como um todo, em que, na minha opinião, o principal problema até viria para os próprios bancos com a ajuda do governo porque o mercado não está a crescer, portanto, teria mais impacto em si próprios do que nos seus concorrentes. Embora esse risco exista, de momento não notamos sinais significativos que isso esteja a acontecer.

Como é que um banco consegue manter os seus objectivos de crescimento quando tem de haver uma diminuição forte do endividamento da economia, seja das famílias, seja das empresas?

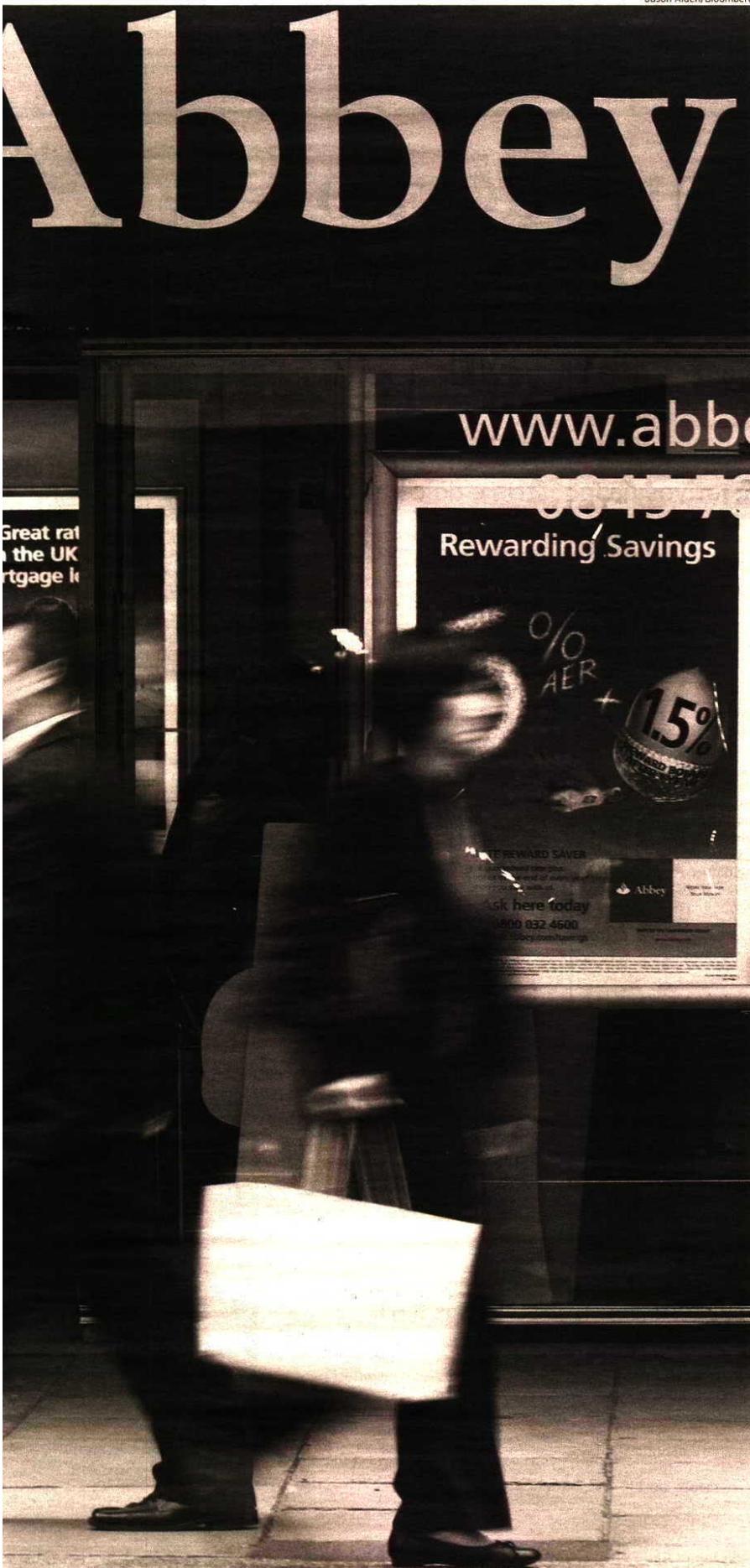
Este ambiente vai ter impacto no sector bancário. Os bancos não são mais do que os espelhos das economias, não há um sector bancário forte se não houver uma economia forte. Mas dentro do sector há empresas que se podem adaptar melhor e outras que se podem adaptar menos bem. No Abbey, o que temos procurado fazer incessantemente é, com a maior prudência e realismo em relação à situação económica e financeira que perspectivamos que continue difícil, tentar aproveitar as nossas vantagens comparativas em termos de custos e de riscos. ■



Horta Osório reconhece que pode haver uma distorção da concorrência se os bancos ingleses derem crédito com critérios pouco adequados ou margens não comerciais.



Jason Alden/Bloomberg



Um banco que dá cartas em terras de sua Majestade

Nascido há 160 anos, o Abbey detém o título de "marca de confiança".

Sandra Almeida Simões
sandra.simoes@economico.pt

O Abbey National tem protagonizado nos últimos anos uma subida galopante, em vários indicadores, sem precedentes no Reino Unido. A instituição liderada por António Horta Osório, desde Agosto de 2006, soube aproveitar a conjuntura de crise financeira e mundial para crescer. Hoje, o Abbey é o segundo maior banco britânico na captação de empréstimos à habitação e o terceiro maior em depósitos.

Para perceber como se chega a número um, há seis datas indispensáveis, a salientar, na cronologia do Abbey. O seu nascimento remonta a 1849 e na altura chamava-se National Freehold Land and Building Society. Em 1944, fundiu-se com o Abbey Road Building, o que deu origem ao Abbey National. Corria o ano de 1989, quando o banco passou a cotar em bolsa, estreando-se em Julho na London Stock Exchange. Na altura, cada acção custava 1,30 libras.

Mais tarde, em Novembro de 2004, o espanhol Santander Central Hispano compra o Abbey, por 15 mil milhões de dólares (cerca de 12 mil milhões de euros), iniciando uma "limpeza" da instituição que tinha por objectivo a redução dos custos em 300 milhões de euros.

Emílio Botín, o homem forte do grupo Santander, escolhe o gestor português António Horta Osório, até então presidente do Santander Totta, para presidente do Abbey. O banqueiro, de 45 anos, assume a presidência executiva do banco britânico em Agosto de 2006, onde tem vindo a revelar-se como um dos grandes vencedores da City, para além de antecipar objectivos estratégicos do banco.

A aposta revelou-se de tal forma acertada que, em pouco menos de três anos depois, o

banqueiro conquistou o título de terceiro homem mais influente do centro financeiro de Londres, numa lista com 100 nomes, e recebeu, no início deste mês, parecer favorável de sua Majestade para administrador do Banco Central do Reino Unido. Actualmente, o Abbey está a reestruturar cerca de 1.300 agências, unificando as marcas do grupo no Reino Unido. Esta é, aliás, outra das datas incontornáveis na história do banco: a compra, no último trimestre do ano passado, do Alliance & Leicester e Bradford & Bingley que permitiram ao Abbey duplicar o tamanho do banco.

A estratégia do Abbey foi "potenciada pela crise", confessa o gestor na entrevista ao Diário Económico. Com cerca de 23 mil empregados e 4.500

"Vamos cumprir por excesso as sinergias que tínhamos prometido ao mercado e a integração está a ir a muito bom ritmo", diz Horta Osório.

ATM, os efeitos estão à vista: os resultados têm aumentado 20% ao ano, nos últimos quatro anos (ver caixa). A ascensão na captação de depósitos e no crédito à habitação - 'core-business' do banco - beneficiam do facto da marca ser percebida como 'safe heaven'. Em contra-ciclo com os restantes 'players', o Abbey cortou no crédito ao consumo, enquanto em simultâneo quadruplicou a quota no mercado de crédito à habitação. Uma em cada três hipotecas é contraída junto do Abbey. Já no que se refere aos depósitos, o objectivo é aumentar o actual número de 500 mil contas correntes para um milhão. ■

Resultados do Abbey sobem 21% em 2008

Horta Osório revelou, na entrevista, que foi a "estratégia de prudência e dinamismo comercial" que levou o Abbey National a conseguir antecipar o plano em três anos. "O ano passado subimos os resultados 21%, quando o sector baixou 9%, apesar da economia se ter degradado de forma muito significativa", afirmou o banqueiro. Assim, apesar do ambiente económico e financeiro se ter degradado, a instituição "conseguiu aumentar os resultados em 20%

ao ano, nos últimos quatro anos, quando, em 2008, na banca comercial em Inglaterra, os bancos desceram os resultados cerca de 9% e no primeiro trimestre deste ano estão a descer os resultados 30%. O Abbey está a subir os resultados 30%". Para Horta Osório, este desempenho mostra que as equipas "têm aderido cada vez mais aos valores Santander, sentem-se uma equipa ganhadora e com orgulho no trabalho que têm vindo a desenvolver".



“Recuperação económica vai ser lenta e difícil”

António Horta Osório afirma, na primeira entrevista concedida depois de ser nomeado administrador do Banco de Inglaterra, que Portugal tem de fazer “um esforço significativo” para recuperar. O presidente do Abbey National diz que não está surpreendido com a resistência da banca portuguesa. — **P4 A 7**





DORMIDAS EM CASA E LIGAÇÕES À INTERNET NO AUTOMÓVEL

Os pequenos luxos dos candidatos



■ TEXTO ■ HUGO SOARES
■ hugo.f.soares@24horas.com.pt

MIGUEL A. LOPES/LUSA

Se há coisa de que Paulo Rangel não abdica durante esta campanha eleitoral é a sua cama. O candidato do PSD ao Parlamento Europeu fez questão de organizar a agenda dos quinze dias de forma a dormir sempre em casa – seja em Gaia ou em Lisboa.

Foi essa uma das formas que encontrou de suportar o cansaço de duas semanas a correr o País, mesmo se isso o obrigue a percorrer mais quilómetros.

Ilda Figueiredo também tenta descansar no conforto do lar, em Gaia, quando a caravana está nas redondezas do Grande Porto, explica fonte da campanha. A cabeça de lista da CDU aproveita ainda as idas ao Norte para “ir ao cabeleireiro”, diz fonte da CDU.

Nuno Melo é outro dos que prefere dormir em casa. No entanto, diz fonte da campanha dos populares, a decisão foi também por “causa dos custos”. É que o CDS apostou na contenção de gastos, para dar o exemplo numa altura de crise. “Dormiu sempre em casa quando estávamos na zona do Porto ou de Lisboa”, revelou a mesma fonte.

Para ajudar a passar o tempo no carro, Melo tem ao seu dispor o computador portátil onde verifica os e-mails e estuda o dossiê BPN, de cuja comissão de inquérito parlamentar faz parte.

Aliás, na segunda audição a Oliveira e Costa, Nuno Melo – que não participou na campanha desse dia – fez uma autêntica maratona. “Só dormiu duas horas”, revela fonte próxima do candidato, recordando o adiantado da hora a que



⇨ Uma das imagens de marca desta campanha para as europeias é os candidatos de garrafa de água na mão

terminou a Comissão e a exigência da presença de Melo em Chaves na manhã seguinte.

Água sempre à mão

Mas se o descanso é importante para os candidatos, a água também parece ser um denominador comum. “Litros e litros de água”, conta um elemento da campanha do Bloco de Esquerda sobre as exigências de Miguel Portas. “É a forma de ele manter a voz, tem de beber muita água”, revela a mesma fonte.

Ilda Figueiredo, Vital Moreira e Nuno Melo também não dispensam as garrafinhas de água nos

carros da campanha.

Outro elemento imperioso nos automóveis dos candidatos são as ligações à Internet. Vital Moreira, garante fonte da campanha do PS, “usa o seu computador pessoal” para estar a par das novidades.

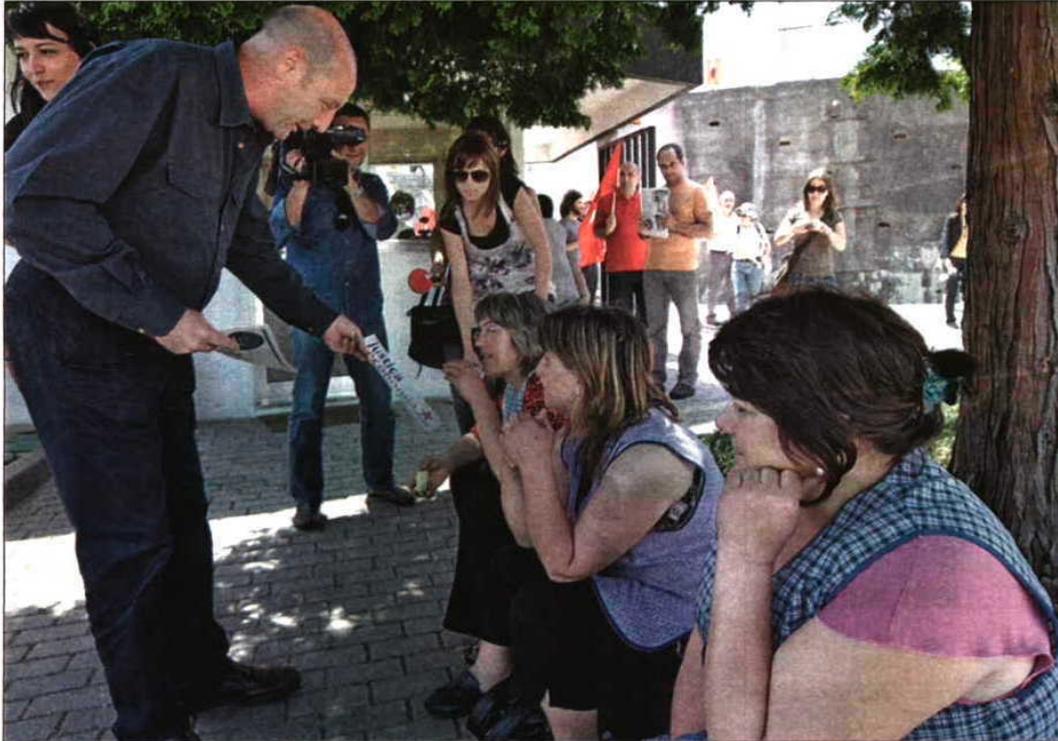
E se Rangel usa o Blackberry para estar sempre actualizado, já Ilda Figueiredo tem um portátil para acompanhar “a realidade no imediato” e preparar documentos para a candidatura.

Na carrinha de nove lugares em que viaja Miguel Portas, propriedade do Grupo Parlamentar Europeu do BE, os meios informáticos não faltam. “Aqui dentro enviamos coisas, fotografias tiradas no momen-

to, enviamos para o esquerda.net, outros sites e blogs, escrevemos notícias”, relatou Miguel Portas há dias à Lusa.

Portas é também o único que faz questão, por vezes, de ser o seu próprio motorista. “Sempre conduzi, portanto, não é por ser candidato que deixo de fazer coisas que sempre fiz”, afirmou o candidato.

Mas se há coisa de que Miguel Portas não se separa é dos seus pequenos cadernos. “É onde aponta o que as pessoas lhe dizem, onde toma apontamentos, frases que depois pode usar nos discursos nos comícios”, revela ao 24horas fonte do BE. ▽



▶ O cabeça-de-lista do Bloco de Esquerda fez esta semana um apelo aos eleitores tradicionais do PS e do PSD

MIGUEL PORTAS DIZ QUE JÁ O DISTINGUEM DO IRMÃO

Cumprimentos à mãe

■ TEXTO ■ EVACABRAL
■ ESPECIAL24HORAS/DN

Na recta final da campanha, muitas vezes os cartazes estão lado a lado e o cidadão eleitor tem oportunidade de ver dois Portas: Paulo, líder do CDS, e o cabeça de lista do BE às europeias e seu irmão mais velho, Miguel. Mas nem assim se evitam as confusões e a visita ao mercado de Famalicão do candidato do BE deu azo a novas confusões.

Bem recebido pelos feirantes e clientes do popular mercado norte-nho, muitos foram os que não conseguiam atinar com exactidão com o nome e partido do candidato a quem contavam os problemas quotidianos de pensões baixas que foram o culminar de uma vida inteira a trabalhar por baixos salários.

Ainda assim, Miguel Portas explicou aos jornalistas que a situação evoluiu muito favoravelmente quando o termo de comparação é o da campanha de há quatro anos. "Hoje sabem que há um Portas de direita e um Miguel Portas de esquerda", diz o bloquista, garantindo que o denominador comum que ele e o irmão têm em muitos destes contactos com o eleitorado "são os

Ainda há quem faça confusão, mas nada que se compare com a última campanha

cumprimentos para a senhora nossa mãe".

Aprender a lição

Quanto à mensagem política, re-fira-se que esta segunda semana de campanha ficou marcada pelo apelo aos eleitores tradicionais do PS e do PSD para que não repitam "a asneira". Segundo Portas, "a animosidade entre os cabeças de lista do PS e do PSD é directamente proporcional às suas semelhanças sobre o que é essencial. "É por isso que me dirijo a quantos têm votado ora num ora noutro. Não vale a pena repetirem a asneira", avisa.

O candidato bloquista frisa que "aprender a lição é indispensável, e este é o momento de o demonstrarem. Está na hora de virar a página e é convosco que assim será. Está na hora de 'deitar à esquerda', apostando nos que nunca governaram mas que têm sabido

estar do vosso lado".

Miguel Portas garante ainda "que os políticos não são todos iguais. E é porque o não são que os políticos de esquerda devem saber resistir à tentação da demagogia. Por exemplo, é sabido que os eurodeputados de esquerda não enriquecem com a representação em cargos de eleição. É a nossa escolha e uma das nossas diferenças", assegura o candidato.

Outra frente de batalha é o combate à abstenção, um dos grandes problemas de todas as eleições europeias. "A resposta, meus amigos, também não é a abstenção. A abstenção só premeia quem prefere que a indignação fique em casa ou vá para a praia no dia em que se poderia contar nas urnas", adverte Miguel Portas.

O cabeça de lista bloquista lembra que "as eleições europeias e, depois, as legislativas têm de ser a resposta de quem acredita que pode ser diferente e que é possível seguir por um caminho diferente na Europa como em Portugal".

Garante, por fim, que "a crise é a oportunidade para aprender com os erros e dar às alternativas a hipótese de provarem que as suas propostas têm viabilidade".

●● **LIBERAL** | Paulo Rangel esteve ontem nas ruas de Lamego, onde foi abordado por uma apoiante que quis que esclarecesse se era liberal, à qual respondeu que "isso não é verdade". O candidato do PSD foi saudado enquanto percorria o centro de Lamego, sempre sorridente, e encontrou vários militantes do partido.

●● **BUCÓLICO** | O cabeça de lista do PS às europeias, Vítor Moreira, enalteceu ontem o exemplo de um parque tecnológico empresarial em Guimarães, o Avepark, definindo-o como "uma espécie de Silicon Valley" no verde Minho bucólico.

●● **AGRICULTORES** | O líder do CDS-PP, Paulo Portas, vai estar na feira agrícola de Santarém no sábado, dia de reflexão antes da eleição, "ao lado dos agricultores". "Não sei se vou falar ou não, mas vou lá estar", disse Paulo Portas.

●● **ECONOMIA** | A cabeça de lista da CDU ao Parlamento Europeu, Ilda Figueiredo, defendeu ontem a dinamização da actividade económica para responder à queda de 1,5 por cento do PIB, de acordo com dados do Eurostat.

●● **APELO** | O presidente da Comissão Europeia fez ontem, em Bruxelas, um novo apelo à participação nas eleições europeias, exortando os cidadãos europeus a fazer uso de um direito que há alguns anos não existia em muitos Estados membros.

●● **MENSAGEM** | A cabeça de lista do Movimento Esperança Portugal às europeias, Laurinda Alves, admitiu ontem que apesar do MEP ser um novo partido tem sido "surpreendentemente fácil" passar a sua mensagem aos portugueses, acreditando que será eleita domingo.

●● **BRILLE** | A Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal aconselhou os eleitores com necessidades especiais a não utilizarem os boletins em Braille que, pela primeira vez, vão ser distribuídos nas assembleias de voto para às europeias.

POUPANÇAS PREJUDICADAS**Cavaco nega
ter escondido
acções da SLN**

■ O Presidente da República negou ontem ter feito aplicações a título pessoal em acções da Sociedade Lusa de Negócios, esclarecendo que o investimento nesses títulos foi feito por “um banco” a quem entregou as suas poupanças.

“Recentemente foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte – há muitos anos, muitos anos antes de ser Presidente da República – acções da SLN. Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer”, afirmou Cavaco Silva. O Presidente confessou ainda que, tal como o **CM** noticiou, ele e a esposa “estão a perder muito dinheiro” por causa da situação no BPN. ■

**O Presidente Cavaco Silva**



■ ■ SLN

Cavaco perdeu muito dinheiro

Cavaco Silva negou ontem que tenha omitido ter tido acções da Sociedade Lusa de Negócios. "Foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte – há muitos anos, muitos anos antes de ser Presidente da República – acções da SLN. Não é verdade", garantiu. "Eu e a minha mulher, quando éramos apenas professores, não tínhamos as nossas poupanças debaixo do colchão. Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN, para gerirem as nossas poupanças", acrescentou. Cavaco esclarece mesmo que as instituições financeiras a quem entregaram as suas poupanças fizeram perder "muito, muito dinheiro" a ele e à mulher. "Boa parte das nossas poupanças estão desaparecidas", frisou.